



UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA

MARKSRALISON ARAÚJO DE OLIVEIRA

**AUMENTO DA VIOLÊNCIA NA ZONA RURAL: análise dos municípios de Matinhas
e Lagoa Seca, Paraíba**

CAMPINA GRANDE – PB
2011

MARKSRALISON ARAÚJO DE OLIVEIRA

**AUMENTO DA VIOLÊNCIA NA ZONA RURAL: Análise dos Municípios de Matinhas
e Lagoa Seca, Paraíba**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Licenciatura Plena em Geografia da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito para obtenção do título de Licenciado em Geografia.

ORIENTADOR: Ms. Arthur Tavares Valverde

**CAMPINA GRANDE – PB
2011**

O48a Oliveira, Marksralison Araújo de.
Aumento da violência na zona rural. [manuscrito]:
análise dos municípios de Matinhas e Lagoa Seca,
Paraíba /Marksralison Araújo de Oliveira. – 2011.
72 f.: il. color.

Digitado.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em
Geografia) – Universidade Estadual da Paraíba, Centro
de Educação, 2011.
“Orientação: Prof. Me Arthur Tavares Valverde,
Departamento de Geografia”.

1. Violência – Campo 2. Zona Rural 3.
Globalização I. Título.

21. ed. CDD 303.6


MARKSRALISON ARAÚJO DE OLIVEIRA

**AUMENTO DA VIOLÊNCIA NA ZONA RURAL: análise dos municípios de Matinhas
e Lagoa Seca, Paraíba**

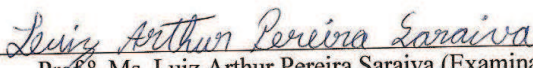
Aprovada em 24 de Novembro de 2011

Nota: 9,0

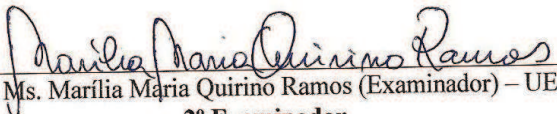
BANCA EXAMINADORA



Prof. Ms. Arthur Tavares Valverde
Universidade Estadual da Paraíba
Orientador



Prof. Ms. Luiz Arthur Pereira Saraiva (Examinador)
1º Examinador



Prof. Ms. Marília Maria Quirino Ramos (Examinador) – UEPB
2º Examinador

Dedico este trabalho aos meus pais (Marizete Araújo Dantas de Oliveira e Manoel Alves de Oliveira) pelos momentos de dedicação e pela experiência perpassada durante suas vidas. Dedico ainda a minha tia Maria José Alves de Oliveira, quem se dedicou muito a mim.

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer inicialmente a Deus, que sempre me deu forças para continuar a jornada, enfrentando os problemas de frente e resolvendo-os a cada dia. Quero também agradecer a todas as pessoas que direta ou indiretamente me ajudaram e contribuíram para a minha formação acadêmica. No entanto, quero destacar algumas dessas pessoas que participaram ativamente dessa importante etapa da minha vida.

Aos meus pais Marizete Araújo Dantas de Oliveira e Manoel Alves de Oliveira pela criação que me deram e me fizeram ser uma pessoa de bom caráter, bem como pelos conselhos dados nas horas mais precisas.

A minha esposa Lenyneves Duarte Alvino de Araújo, companheira e dedicada, sempre me apoiou em todos os momentos de tristezas e dúvidas.

Ao professor e orientador Arthur Valverde pela orientação e paciência no desenvolvimento das atividades deste trabalho.

Aos meus colegas de turma Adailton, Érika, Adélia, Taciana, Rosimary, Gabriela, Monalisa e Janaina pelas horas de descontração e amizade.

À Taciana Porto pelo auxílio na compilação de alguns dados e imagens.

Aos professores Agnaldo, Marília, Hélio, João Damasceno, Aretuza e Arthur pelo conhecimento compartilhado durante esses anos acadêmicos.

À Coordenação do Curso de Geografia por todos os trabalhos prestados.

À Infosistemas e em especial ao meu amigo Wanderson, pela impressão deste trabalho.

O meu muito OBRIGADO!

*O movimento começou, o lixo fede nas calçadas.
Todo mundo circulando, as avenidas congestionadas.
O dia terminou, a violência continua.
Todo mundo provocando todo mundo nas ruas.
A violência está em todo lugar.
Não é por causa do álcool,
Nem é por causa das drogas.
A violência é nossa vizinha,
Não é só por culpa sua,
Nem é só por culpa minha.
Violência gera violência.
Violência doméstica, violência cotidiana,
São gemidos de dor, todo mundo se engana...
Você não tem o que fazer, saia pra rua,
Pra quebrar minha cabeça ou pra que quebrem a sua.
Violência gera violência.
Com os amigos que tenho não preciso inimigos.
Aí fora ninguém fala comigo.
Será que tudo está podre, será que todos estão vazios?
Não existe razão, nem existem motivos.
Não adianta suplicar porque ninguém responde,
Não adianta implorar, todo mundo se esconde.
É difícil acreditar que somos nós os culpados,
É mais fácil culpar deus ou então o diabo.*

RESUMO

Esta monografia realizou um estudo de caso sobre a violência nas comunidades rurais dos municípios de Matinhas e Lagoa Seca, localizados no Estado da Paraíba. O objetivo do estudo foi identificar e analisar as formas e as consequências da violência no campo destacando a globalização enquanto fator acelerador e propagador do fenômeno da violência em todos os espaços, inclusive nos espaços rurais. Também se discutiu o papel do Estado na defesa e bem estar da sociedade no que tange o sistema de segurança pública, dessa forma analisou-se a presença e atuação do sistema de segurança pública dos municípios de Matinhas e Lagoa Seca. Para a realização da pesquisa foram aplicados questionários, bem como levantamento bibliográfico e de dados referentes ao município em órgãos públicos, também foi feito o levantamento das ocorrências dos municípios. O estudo comprovou que os municípios apresentam consideráveis índices de violência no campo, uma vez que a base da economia dos municípios são relativas a agricultura, a maior parte de seus moradores residem no campo o que chama a atenção de criminosos. A dificuldade de locomoção da polícia nas comunidades rurais, a distância das mesmas do centro urbano e as más condições dos equipamentos policiais das localidades são os fatores que mais aumentam a impunidade nos municípios e favorecem o crescimento da violência que atormenta seus moradores. O Estado e os gestores públicos têm grande influência e poder na modificação desse quadro de violência vigente, entretanto, nos municípios pesquisados, ficou claro que Estado não tem desempenhado seu papel como deveria, a falta de investimentos quantitativos e qualitativos na segurança pública demonstram a situação miserável de abandono e esquecimento da população dos municípios.

Palavras-chave: Violência; Campo; Globalização; Matinhas; Lagoa Seca.

ABSTRACT

This thesis conducted a case study about the violence in rural communities and the municipalities of Matinhas and Lagoa Seca, located in the State of Paraíba. The aim of this study was to identify and analyze the forms and consequences of violence on the field while highlighting the globalization as accelerating factor and propagation of the phenomenon of violence in all areas, including in rural areas. Also discussed the role of government in the defense and welfare of society regarding the public security system, so we analyzed the presence and actions of the public security system of the municipalities of Matinhas and Lagoa Seca. To conduct the survey questionnaires, as well as bibliographic data and public agencies in the city, was also made a survey of the occurrences of the municipalities. The study found that municipalities have considerable levels of violence in the field, since the basis of the local economy are related to agriculture, most of its residents live in the countryside that draws the attention of criminals. The limited mobility of police in rural communities, the same distance from the urban center and the poor condition of the locations of police equipment are factors that increase the impunity in the cities and favor the growth of violence that has plagued its residents. The government and public managers have great influence and power in modifying this current situation of violence, however, in the municipalities surveyed, it was clear that the government has not played its role as it should, the lack of quantitative and qualitative investment in public safety demonstrate the miserable situation of abandonment and neglect of the population of the municipalities.

Keywords: Violence; Field; Globalization; Matinhas; Lagoa Seca.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1. Mapa das Mesorregiões Geográficas do Estado da Paraíba com indicação para a localização do município de Matinhas.....	16
Figura 2. Mapa do município de Matinhas/PB, segundo as áreas potenciais de investimento sustentável.....	17
Figura 3. Mapa da cidade de Matinhas/PB. Sítios onde foram realizadas as entrevistas (círculos).....	20
Figura 4. Mapa das Mesorregiões Geográficas do Estado da Paraíba com indicação para a localização do município de Lagoa Seca.....	21
Figura 5. Mapa do município de Lagoa Seca/PB, segundo as áreas potenciais de investimento sustentável.....	23
Figura 6. Mapa da cidade de Lagoa Seca/PB. Sítios onde foram realizadas as entrevistas (círculos).....	25
Figura 7. Delegacia da Polícia Militar do município de Matinhas-PB.....	49
Figura 8. Viatura utilizada pelos policiais militares do município de Matinhas-PB.....	49
Figura 9. Estradas de acesso a comunidades rurais em Matinhas-PB.....	50
Figura 10. Delegacia da Polícia Militar do município de Lagoa Seca.....	57
Figura 11. Viatura da Polícia Civil do município de Lagoa Seca.....	57
Figura 12. Estrada de acesso a comunidade rural de Lagoa Seca.....	58

LISTA DE TABELAS

Gráfico 1. Evolução populacional do município de Matinhas – PB.....	18
Gráfico 2. População Urbana e Rural de Matinhas-PB em 2010.....	19
Gráfico 3. Evolução populacional do município de Lagoa Seca – PB.....	24
Gráfico 4. Evolução da População Urbana e Rural de Lagoa Seca-PB de 1970 a 2010.....	24
Gráfico 5. Número de registros policiais dos últimos oito anos referente à zona rural da cidade de Matinhas/PB.....	45
Gráfico 6. Número de registros policiais dos últimos oito anos classificados de acordo com a natureza do crime na zona rural da cidade de Matinhas/PB.....	46
Gráfico 7. Comunidades rurais que registraram o maior número de ocorrências policiais na cidade de Matinhas/PB.....	47
Gráfico 8. Indicadores criminais registrados nas comunidades rurais na cidade de Matinhas/PB.....	48
Gráfico 9. Número de registros policiais entre os anos de 2004 e 2009 da cidade de Lagoa Seca/PB.....	51
Gráfico 10. Número de registros policiais entre os anos de 2004 e 2009 na Zona Rural (A) e na Zona Urbana (B) da cidade de Lagoa Seca/PB.....	52
Gráfico 11. Número de registros policiais entre os anos de 2004 e 2009, classificados de acordo com a natureza do crime na cidade de Lagoa Seca/PB.....	52
Gráfico 12. Número de registros policiais entre os anos de 2004 e 2009, classificados de acordo com a natureza do crime na Zona Rural (A) e na Zona Urbana (B) da cidade de Lagoa Seca/PB.....	53
Gráfico 13. Comunidades rurais que registraram o maior número de ocorrências policiais na cidade de Lagoa Seca/PB.....	54
Gráfico 14. Indicadores criminais registrados na cidade de Lagoa Seca/PB.....	55
Gráfico 15. Indicadores criminais registrados na Zona Rural (A) e na Zona Urbana (B) na cidade de Lagoa Seca/PB.....	56

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
1. CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO DE ESTUDO	
1.1. Matinhas: breve histórico e caracterização do espaço.....	15
1.2. Lagoa Seca: breve histórico e caracterização do espaço.....	20
2. RELAÇÃO CIDADE-CAMPO E GLOBALIZAÇÃO: a transformação dos espaços	
2.1. O espaço na relação cidade-campo:.....	26
2.2. O processo de globalização.....	29
2.3. Influência da globalização no campo.....	31
2.4. O processo de globalização e sua relação com o fenômeno da violência.....	33
3. VIOLÊNCIA NO CAMPO	
3.1. Definições de violência.....	36
3.2. A insegurança e o medo no campo.....	39
3.3. As migrações para a cidade: a busca por segurança.....	41
3.4. Violência na zona rural: o caso do município de Matinhas/PB.....	44
3.5. Violência nas áreas urbana e rural: o caso de Lagoa Seca.....	50
3.6. Papel do Estado no combate à violência e sua atuação em Matinhas e Lagoa Seca.....	58
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	64
REFERÊNCIAS.....	66
ANEXOS.....	69

INTRODUÇÃO

A violência se tornou um dos principais problemas da sociedade e já se consolidou como destaque em pesquisas sociais, jurídicas e médicas. Qualquer espaço está sujeito a sofrer a ação dos diversos tipos de violência, até mesmo aqueles em que se acreditava serem tranquilos como a zona rural, anteriormente um espaço caracterizado como pacato e destinado somente a produção agrícola. O mesmo ganhou novas características a partir da modernização do sistema agrícola e de outras produções, em decorrência do fenômeno da globalização e da propagação de novas técnicas, provocando a mudança de hábitos e estilos de vida da comunidade rural.

Assim, as novas circunstâncias históricas e as necessidades de desenvolvimento da própria vida impuseram a inserção e a circulação de tecnologias em quase todos os espaços, muitas vezes nos mais remotos lugares, dotando-os de autonomia e especializando-os, para que os mesmos pudessem persistir e resistir às dinâmicas do capital, o que fez com o que tanto a cidade quanto o campo aumentassem suas relações, dependendo cada vez mais um do outro, tendo elementos presentes nesses espaços em quantidades cada vez mais parecidas, a zona rural, tornou-se um espaço cada vez mais sujeito e vulnerável às práticas de violência.

A cidade, com sua densidade demográfica e abundância de bens móveis, fornecia maiores e as mais amplas oportunidades para o roubo, ocorrendo assim, a violência nesse território com muito mais frequência, devido ao maior índice de mendigos, ladrões, assassinos e bandidos. Mas, com o passar das décadas, as áreas ficaram cada vez mais vulneráveis as práticas do banditismo, principalmente com os avanços e o desenvolvimento das mais diversas técnicas e materiais de alto custo comercial, o que impulsionou práticas de violência nos territórios rurais.

Atualmente, a população do campo tem acesso a tecnologias advindas da cidade, como eletrodomésticos, eletroportáteis e meios de transportes mais sofisticados, que apesar de facilitar a vida no campo, também aumentam a cobiça por esses bens, levando ao aumento da criminalidade e da violência neste espaço.

Foi centralizando-se na complexidade da violência no campo, que o presente trabalho foi desenvolvido com o objetivo de identificar as formas e consequências da violência nas comunidades rurais, tendo como pressuposto a atual configuração social dos moradores do campo, o qual apresenta-se mais tecnificado e informatizado, especificamente na zona rural das cidades de Matinhas e Lagoa Seca/PB, e a partir daí, discute-se a globalização enquanto fator causador do aumento da violência no campo nesses municípios e, conseqüentemente, o

tipo de violência que se tornou mais comum nessas localidades. Discute-se também como o sistema de segurança pública das cidades tem se desenvolvido de forma que acompanhe o desenvolvimento do campo a fim de garantir a segurança das pessoas que ali residem.

O método trabalhado nesse estudo foi o materialismo histórico dialético, uma vez que o mesmo levantou a questão da globalização como principal fator causador do aumento da violência no campo nos municípios de Lagoa Seca e Matinhas, localizados no Estado da Paraíba. Apesar de existirem outros aspectos e fatores que resultam neste aumento, o estudo se limitou em discutir os aspectos da globalização e a sua influência nas comunidades rurais com relação aos índices de violência a partir de uma abordagem crítica ao sistema vigente elevando-se em consideração a vivência e experiências dos moradores das localidades entrevistadas, bem como construindo uma relação entre o global e o local.

Para a obtenção dos resultados do estudo, a pesquisa foi pautada na observação *in loco*, resultando dessa, o material fotográfico, bem como os questionários com a população de algumas áreas rurais dos municípios de Matinhas e Lagoa Seca. A pesquisa foi realizada a partir de um levantamento das ocorrências policiais ocorridas na zona rural da cidade de Matinhas no período de janeiro de 2003 a 2010 e nas zonas rural e urbana da cidade de Lagoa Seca no período de janeiro de 2004 a 2009, identificando-se a natureza, a data e o local de ocorrência.

Foram realizadas entrevistas através de um questionário com 12 perguntas (Anexo 1) referentes à questão da segurança pública na sua localidade, com 10 residentes de cada uma das seguintes comunidades rurais do município de Matinhas: Jurema e Cachoeira do Gama (Oeste), Engenhoca e Sítio Sapé (Leste), Cosmo do Rocha e Juá (Norte) e Cajá e Chã do Bálamo (Sul) (Figura 1) e de Lagoa Seca: Campinote e Tabuleiro (Norte), Chã do Marinho e Oiti (Sul), Floriano e Mineiro (Leste) e Alvinho e Imbaúba (Oeste) (Figura 3). Além disso, também foram coletados dados referentes às ocorrências na Zona Urbana no município de Lagoa Seca, bem como foram realizadas entrevistas através de questionários com os policiais dos destacamentos de ambas as cidades (Anexo 2).

A natureza das ocorrências foi classificada em: Pouco Grave (aquelas em que não houve perigo de morte), Grave (aquelas em que houve perigo de morte) e Muito Grave (aquelas em que houve morte). Foram também selecionados quatro indicadores criminais: Crimes contra a Pessoa (incluindo homicídios, tentativas de homicídio e lesões corporais dolosas), Crimes contra o Patrimônio (Roubos a Transeunte, Furtos a Transeunte, Roubos de Veículo e Extorsões mediante seqüestro), Crimes contra o Costume (Estupros e Atentados Violentos ao Pudor) e Delitos Envolvendo o uso de Entorpecentes e armas de fogo.

Também foram colhidas informações referentes aos agricultores no Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Outros dados e mapas dos municípios foram obtidos na EMATER e do IBGE, para que se fizesse uma análise da extensão das áreas rurais dos municípios de Matinhas e Lagoa Seca.

Diante desse contexto, o presente trabalho se estrutura em três capítulos: Capítulo 1 – Caracterização do espaço de estudo, abordando a caracterização espacial dos municípios de Matinhas e Lagoa Seca, áreas onde foi realizado o estudo; Capítulo 2 - Relação cidade-campo e globalização: a transformação dos espaços, discutindo as relações entre a cidade e o campo, o processo de globalização dos espaços e especificamente no campo e relacionando-a com o fenômeno da violência; Capítulo 3 – Violência no campo, tratando da definição de violência, sua ação nos espaços rurais, análise da violência nas áreas de estudo e o papel do Estado enquanto agente responsável por garantir a segurança da população.

1. CARACTERIZAÇÃO DO ESPAÇO DE ESTUDO

1.1. Matinhas: breve histórico e caracterização do espaço

A história da cidade de Matinhas começou na primeira metade do século XIX e sua emancipação proporcionou-se no dia 29 de abril 1994, sendo sua instalação no dia 01 de janeiro de 1997. O município foi desmembrado da cidade de Alagoa Nova, limitando-se ainda com os municípios de Massaranduba, Alagoa Grande, Lagoa Seca e São Sebastião de Lagoa de Roça (IBGE, 2011). O município (Figura 1) está localizado na Mesorregião Agreste e na Microrregião do Brejo, a 147 Km da capital do Estado da Paraíba. A cidade tem uma área de 38,123 Km² com uma população de 4321 habitantes (IBGE, 2010), dos quais mais de 80% residem na Zona Rural, portanto, o município possui hábitos tipicamente rurais. A população de Matinhas sobrevive da cultura de subsistência e do cultivo da tangerina (citricultura), sendo esta última responsável por uma parcela bastante considerável da população total do Estado da Paraíba (LOPES, ALBUQUERQUE, MOURA, 2006, p. 12).

A citricultura do município de Matinhas apresenta-se como tipicamente de minifúndio e familiar, com média de 2,23 ha/proprietário e 83% com um a três membros da família envolvidos na atividade. Quanto à experiência com o cultivo da laranja, 68% dos citricultores vivenciam a atividade há mais de dez anos.(LOPES, ALBUQUERQUE, MOURA, 2007, p. 4)



Figura 1. Mapa das Mesorregiões Geográficas do Estado da Paraíba com indicação para a localização do município de Matinhas.

Fonte: RODRIGUES, 2002, p. 13. Adaptado por Marksralison Araújo, 2011.

A cidade de Matinhas cresceu economicamente a partir da agricultura baseada na laranja, como consequência, o campo se modernizou e sua população passou a obter bens de consumo como eletrodomésticos, eletroportáteis, meios de transporte mais modernos, como motos, carros e caminhões, além de novos instrumentos de produção agrícola. Dados do IBGE (2004) confirmavam que a Paraíba possuía uma área colhida de 1122 hectares de tangerina, destacando-se como a terceira maior produtora de tangerina do Nordeste. A cidade de Matinhas teve grande participação nesse *ranking*, produzindo 7,2 mil toneladas em 2003, correspondendo a 27% do total da safra produzida na Paraíba. Toda essa expansão na citricultura gerou uma demanda de maior tecnificação do campo, que teve como consequências uma melhoria na qualidade de vida das pessoas, mas também veio acompanhada do aumento dos índices de criminalidade. Na Figura 2, o mapa do município de Matinhas, segundo as áreas potenciais de investimento sustentável, produzido pela FIEP (2009).

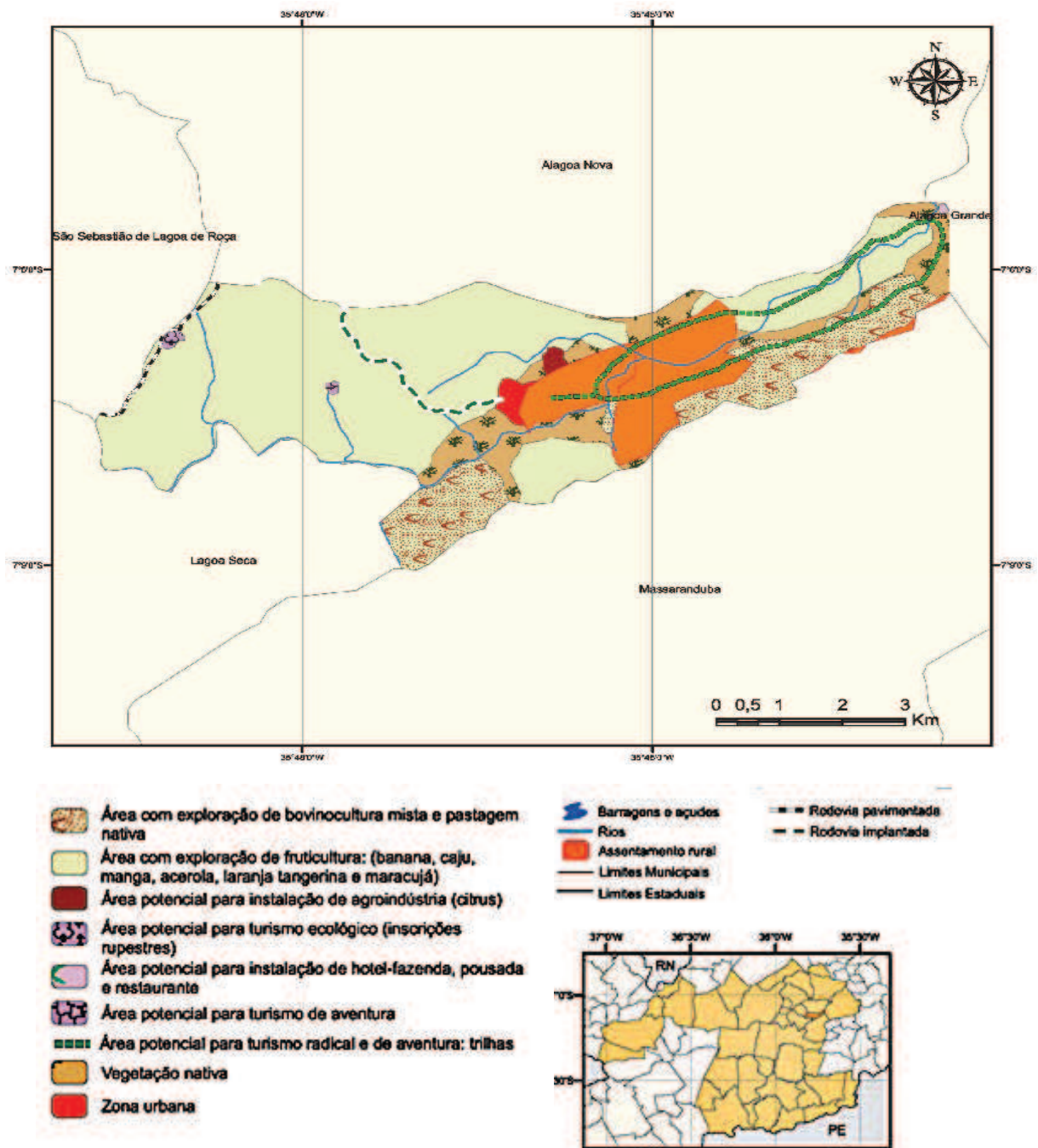


Figura 2 - Mapa do município de Matinhas/PB, segundo as áreas potenciais de investimento sustentável. Fonte: Paraíba-FIEP, 2009. Adaptado por Marksralison Araújo, 2011.

De acordo com a Figura 2, a maior parte do município de Matinhas apresenta-se com uma área de exploração da fruticultura (banana, caju, manga, acerola, laranja tangerina e maracujá). O município possui um clima propício ao desenvolvimento da agricultura familiar, com chuvas bem distribuídas ao longo do ano, como afirma Lopes, Albuquerque e Moura (2007, p. 3),

A maioria dos plantios de citros, na Paraíba, está localizada no Planalto da Borborema, onde a altitude está acima de 500 m, o que favorece a existência de um microclima ameno, com chuvas abundantes, em média de 1.000mm/ano, distribuídas em seis meses, com chuvas esparsas, ocorrendo um período de veranico a partir do mês de setembro. A umidade relativa do ar é, em média, de 85% nos meses mais frios do ano (maio a agosto), e a temperatura noturna varia de 10 a 18 °C. Durante o dia, a temperatura varia de 20 a 25 °C nos meses mais frios e, acima de 25 °C, no período de verão.

De acordo com Rodrigues (2002, p. 12) o município se localiza na unidade geomorfológica da Superfície da Borborema, que se destaca pela fertilidade e aproveitamento agrícola do solo, principalmente na região do Brejo Paraibano.

No que tange a população de Matinhas, o Gráfico 1 mostra o crescimento populacional do município de Matinhas – PB, do ano de 2000, 2007 e 2010, segundo o Censo Demográfico divulgado pelo IBGE (2011).

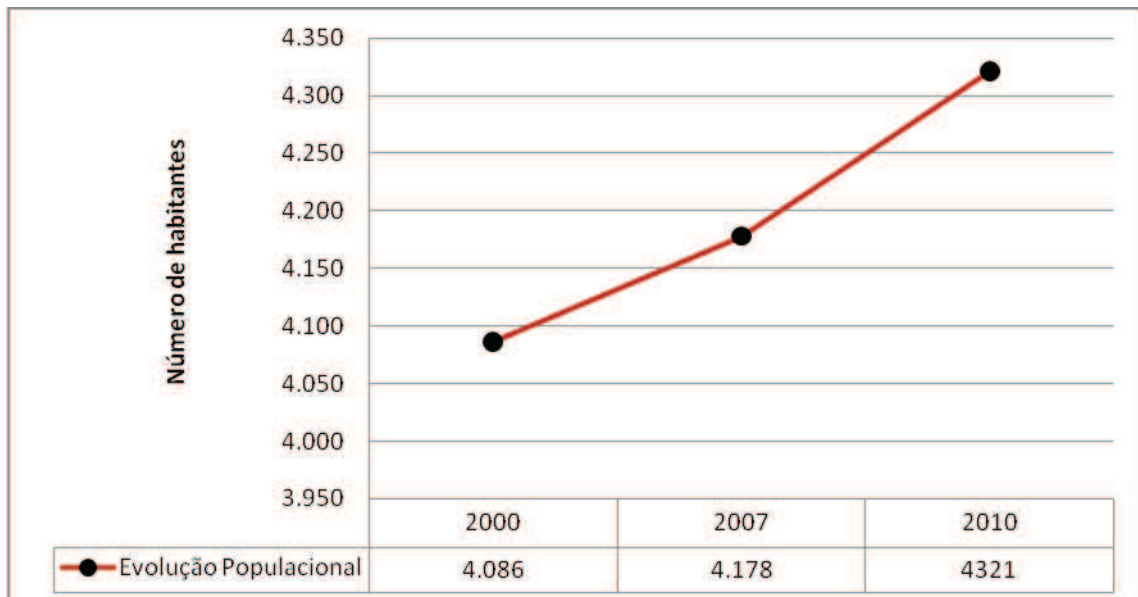


Gráfico 1 - Evolução populacional do município de Matinhas – PB.

Fonte: Censos demográficos de 2000, 2007 e 2010. Adaptado por Marksralison Araújo, 2011.

Por ser um município de pequeno porte, tanto em sua extensão como em sua quantidade populacional, a população do município não apresentou um quadro evolutivo muito amplo. De acordo com o Gráfico 2, a população urbana e rural de Matinhas se apresenta nos seguintes números de acordo com o IBGE (2010):

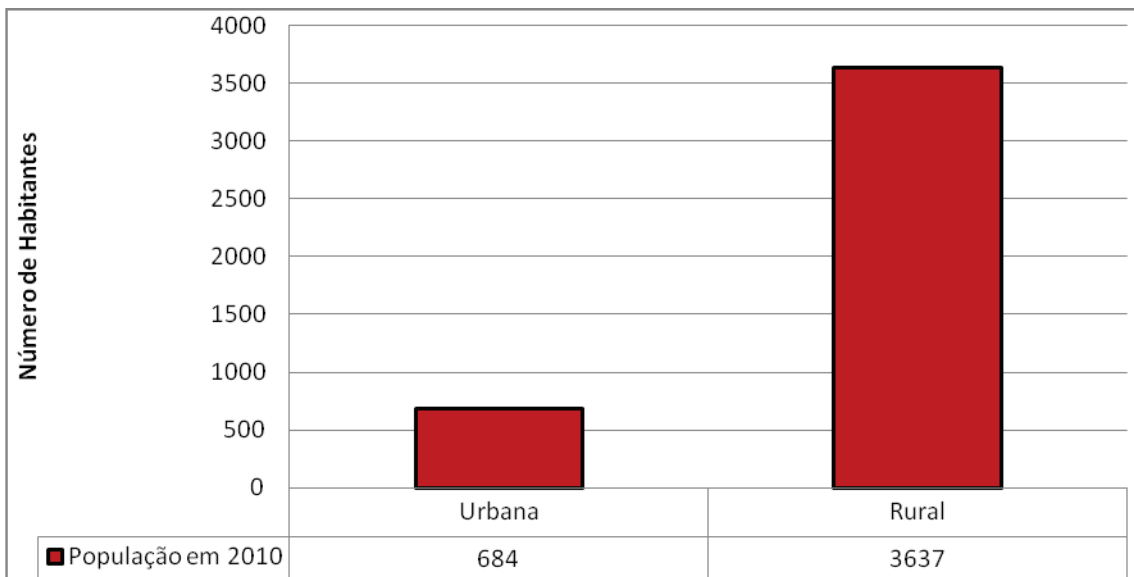


Gráfico 2: População Urbana e Rural de Matinhas-PB em 2010.

Fonte: IBGE, 2010. Adaptado por Marksralison Araújo, 2011.

Como pode ser verificado no Gráfico 2, a população rural do município supera muito o número da população que vive na área urbana da cidade. Devido ao seu baixo número populacional vivendo na cidade, pode se concluir que a população, em sua maioria vive e depende das atividades realizadas no campo. Diante disso, a problemática da violência no campo do município de Matinhas é uma realidade vivenciada pelos trabalhadores rurais de muitas comunidades.

A Figura 3 apresenta as comunidades rurais onde foram aplicadas as entrevistas no município de Matinhas.

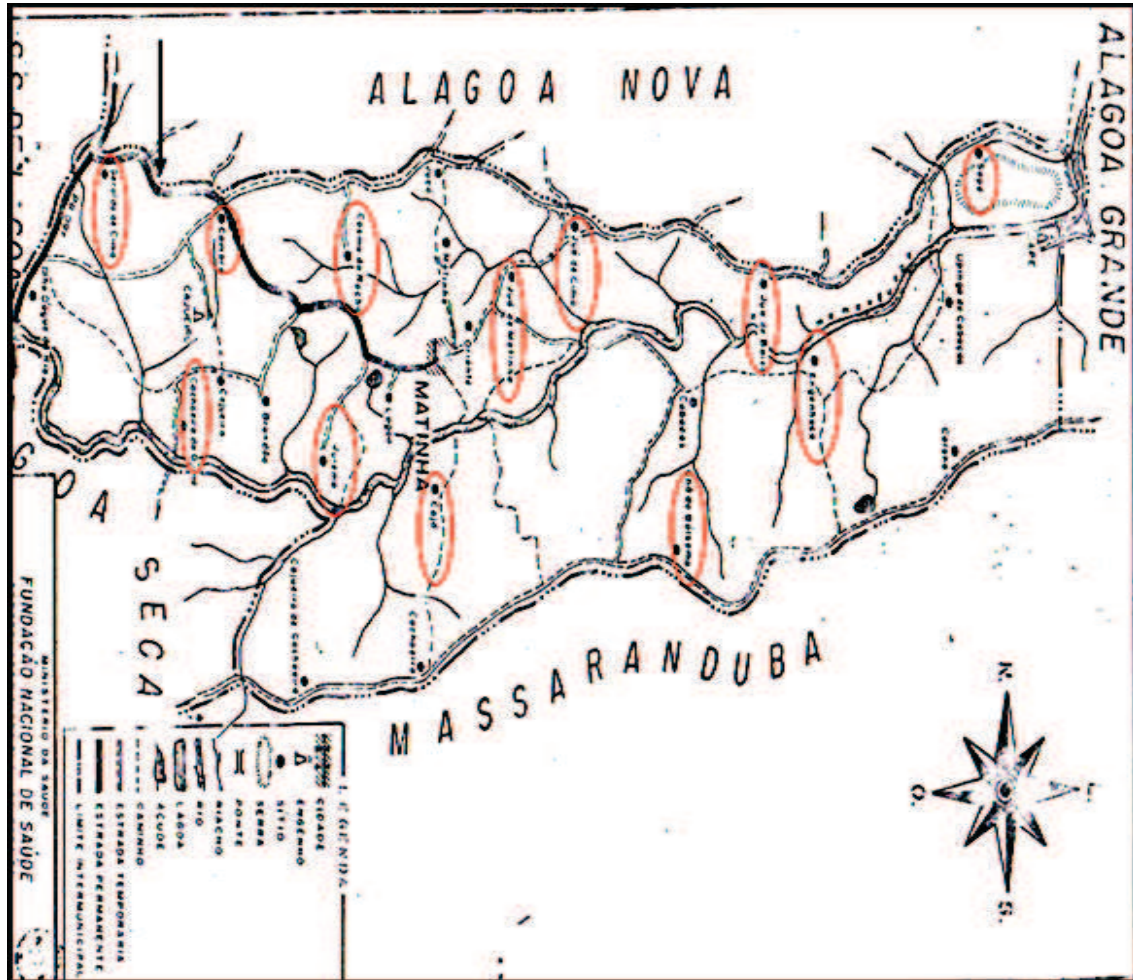


Figura 3: Mapa da cidade de Matinhas/PB. Sítios onde foram realizadas as entrevistas (círculos).
 Fonte: Fundação Nacional de Saúde (Ministério da Saúde), 1996. Adaptado por Marksralison Araújo, 2011.

De acordo com a Figura 3, encontra-se em Matinhas 24 comunidades rurais, e em 12 dessas comunidades foram realizadas a pesquisa. Como se verifica na figura a pesquisa foi bem distribuída espacialmente para que houvesse uma maior eficiência e veracidade de dados, já que há tão pouca informação pertinente ao município.

1.2. Lagoa Seca: breve histórico e caracterização do espaço

A origem do nome “Lagoa Seca” é permeada por várias versões, a mais precisa é atribuída à existência de um engenho com essa denominação, de propriedade do Coronel Vila Seca. Como homenagem ao Coronel surgiu o nome da cidade. Os primeiros habitantes de Lagoa Seca foram os índios "Bultrins". O início de sua povoação se deu em outubro de 1929, e teve como fundador Cícero Faustino da Silva, mas a sua elevação à categoria de vila ocorreu em 1933, período no qual foi nomeada de "Vila de Ipuarana" (origem indígena), entretanto, a

cidade também já foi chamada de Lama da Gata e Tarimba. Entre 1939 e 1940, frades Franciscanos procedentes da Alemanha, Lambert Hotting, Pedro Westerman e Manfredo Ponterburg construíram um grande seminário, hoje Colégio Seráfico de Santo Antônio (Convento Ipuarana), dando impulso à formação da vila. O distrito foi criado em 1934 e o município desmembrou-se de Campina Grande com sua emancipação política em 4 de janeiro de 1964. A cidade possui os seguintes distritos: Chã do Marinho, Floriano, São Pedro (Campinote), Alvinho e Jenipapo (IBGE, 2011).

O município de Lagoa Seca localiza-se na Mesorregião do Agreste, assim como Matinhas, e na Microrregião de Campina Grande, em situação de latitude $07^{\circ}09'00''$ S e longitude de $35^{\circ}49'48''$ W (Figura 4). Compreendendo uma área de $109,34 \text{ Km}^2$, o município limita-se com as cidades de Campina Grande, São Sebastião de Lagoa de Roça, Puxinanã, Massaranduba, Montadas, Esperança e Matinhas, e estando a 129 Km da capital João Pessoa. Lagoa Seca possui 25.911 habitantes (IBGE, 2010), com a maior parte de sua população residente na zona rural e com densidade demográfica de $237,8 \text{ hab/Km}^2$.

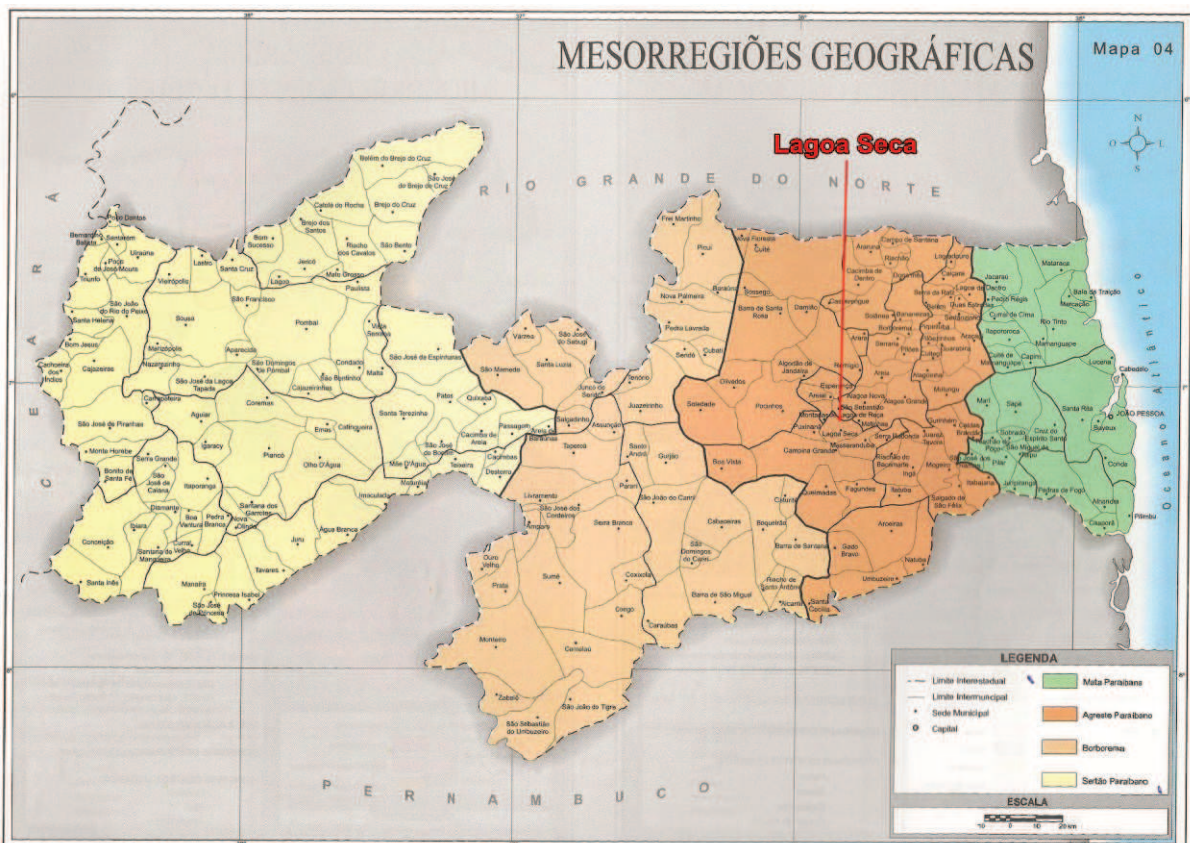


Figura 4. Mapa das Mesorregiões Geográficas do Estado da Paraíba com indicação para a localização do município de Lagoa Seca.

Fonte: RODRIGUES, 2002, p. 13. Adaptado por Marksrailison Araújo, 2011.

Em Lagoa Seca mais de 60% de sua população reside na zona rural, principalmente devido ao cultivo de produtos hortifrutigranjeiros (tendo como destaques a laranja, a banana e o chuchu) e a avicultura. Na agropecuária a criação de bovinos, suínos e ovinos fortalece a economia local. No comércio a farinha de mandioca, a batatinha, o frango para o abate, as frutas e verduras são distribuídas para a região. A feira realizada nos fins de semana comercializa os mais variados produtos, servindo de elo de ligação comercial entre Lagoa Seca e cidades vizinhas. Como enfatiza Araújo (2010, p. 16-17),

Encontra-se uma faixa de transição climática entre a região do Brejo (clima tropical úmido) e do Agreste, mas com predomínio do brejo e com vegetação de transição da mata subcaducifolia para a vegetação xerófita, e sua temperatura média de 22° C, sendo a mínima de 17° C e a máxima 30° C, são fatores que favorecem o desenvolvimento de atividades ligadas ao campo, uma vez que sua economia é basicamente voltada à produção de hortifrutigranjeira e agrícola[...]. A economia do município é baseada na produção agrícola, com destaque para a produção familiar. Cultiva-se predominantemente banana, laranja, batata inglesa, feijão, mandioca, olericultura, batata doce e hortaliças diversas. Há também produção de leite, ovos e criação de bovinos, caprinos, aves e suínos. A topografia dificulta o acesso no período das chuvas, gerando uma grande dificuldade para escoar a produção. Quase 70% das propriedades são minifúndios. De acordo com os dados de estrutura fundiária do município, fornecido pela Emater, são 2748 imóveis, dos quais 2600 têm até 10 hectares. Apenas 10 imóveis estão acima de 50 hectares.

Na Figura 5, o mapa do município de Lagoa Seca, segundo as áreas potenciais de investimento sustentável, produzido pela FIEP (2009).

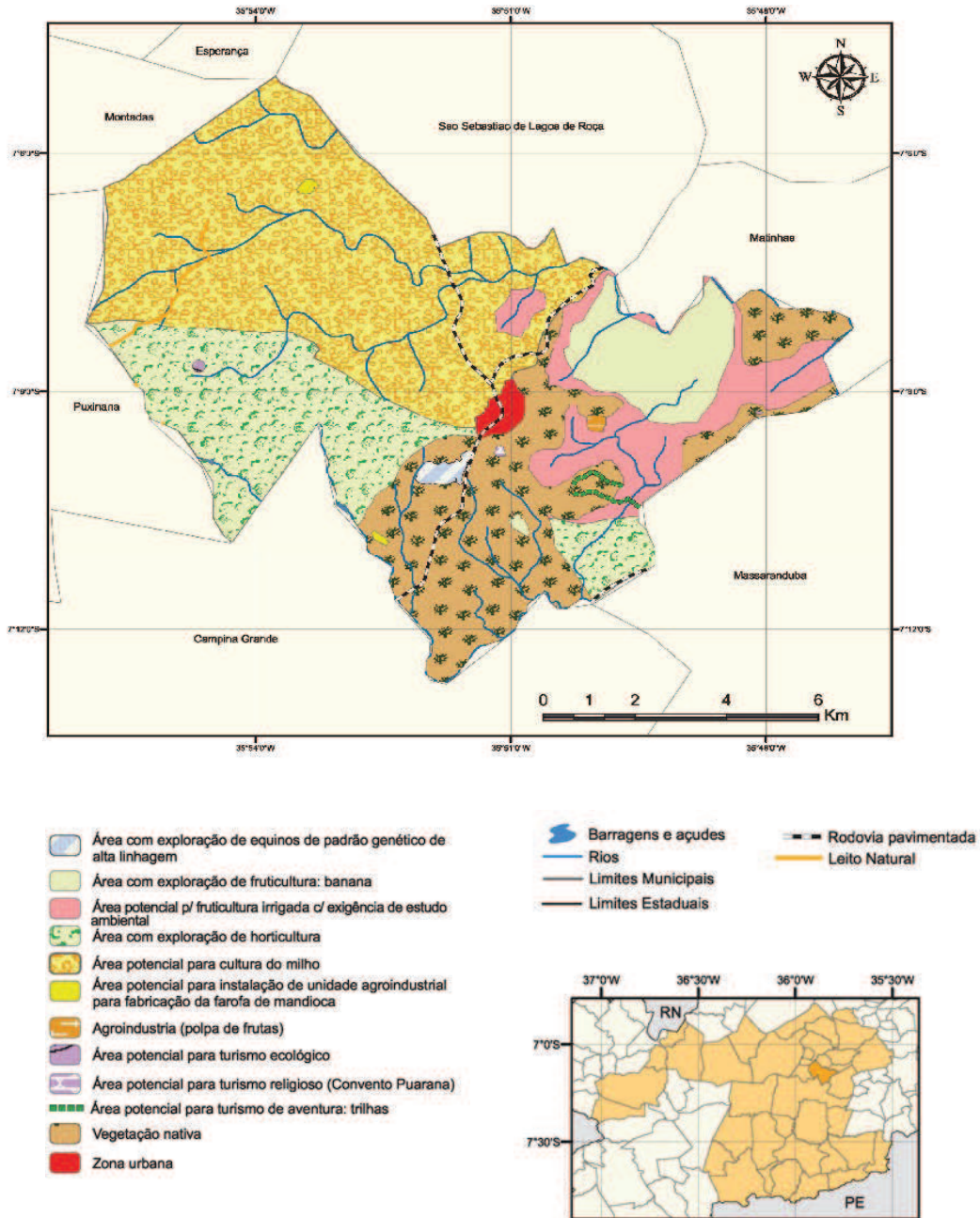


Figura 5 - Mapa do município de Lagoa Seca/PB, segundo as áreas potenciais de investimento sustentável. Fonte: Paraíba-FIEP, 2009. Adaptado por Marksralison Araújo, 2011.

Como se verifica na Figura 5, algumas áreas se destacam no município, principalmente, as áreas com potencial para cultura do milho, as áreas com exploração de horticultura e as áreas de vegetação nativa.

O Gráfico 3 mostra o crescimento populacional do município de Lagoa Seca – PB, do ano de 2000, 2007 e 2010 de acordo com o Censo Demográfico do IBGE (2010).

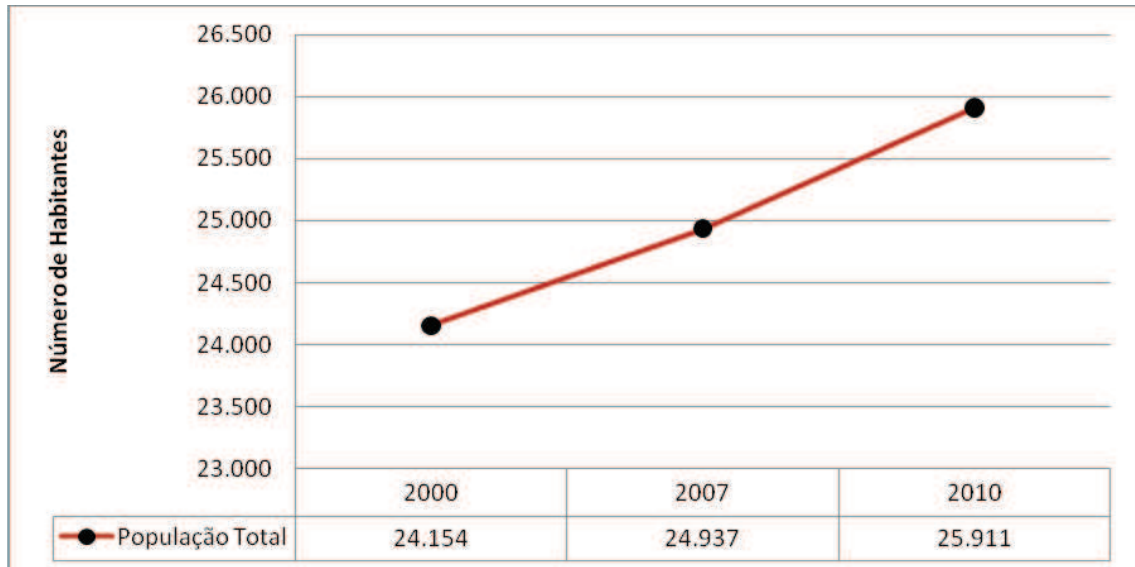


Gráfico 3 - Evolução populacional do município de Lagoa Seca – PB.

Fonte: Censos demográficos de 2000, 2007 e 2010. Adaptado por Marksralison Araújo, 2011.

O Gráfico 4 apresenta a evolução populacional do município em termos de população total, rural e urbana nos anos de 1970, 1980, 1991, 2000, 2007 e 2010, conforme Araújo (2010, p. 20) e de acordo com o Censo Demográfico de 2010 (IBGE, 2010).

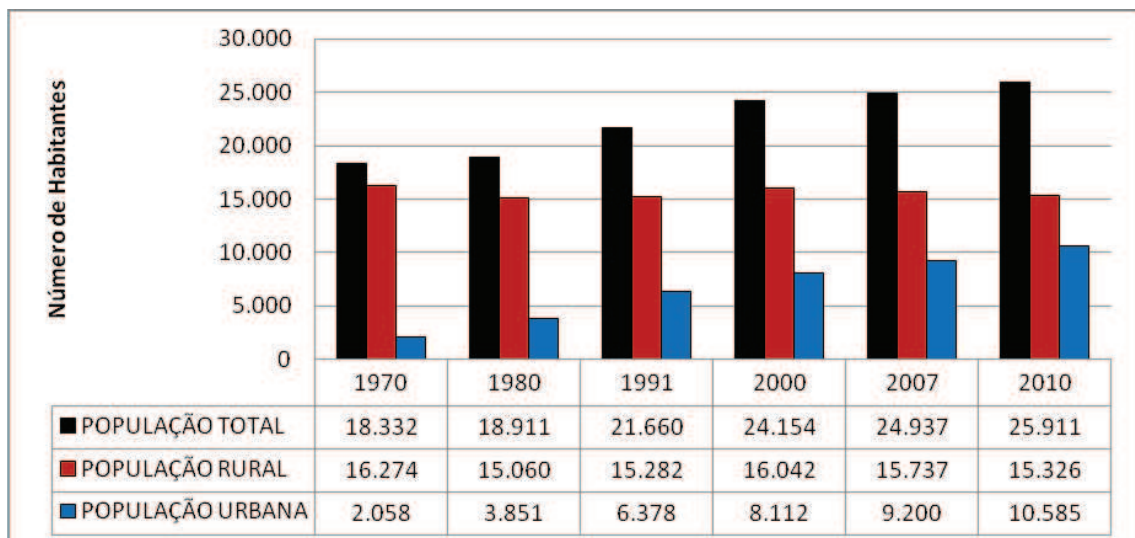


Gráfico 4: Evolução da População Urbana e Rural de Lagoa Seca-PB de 1970 a 2010.

Fonte: ARAÚJO, 2010, p. 20. IBGE, 2010. Adaptado por Marksralison Araújo, 2011.

Assim como no município de Matinhas, em Lagoa Seca a maior parte da população residente vive no campo e tira dele seu sustento, pois a região é propícia para o desenvolvimento do cultivo de frutas e hortaliças. A Figura 6 apresenta as comunidades rurais de Lagoa Seca onde foi realizado o estudo.

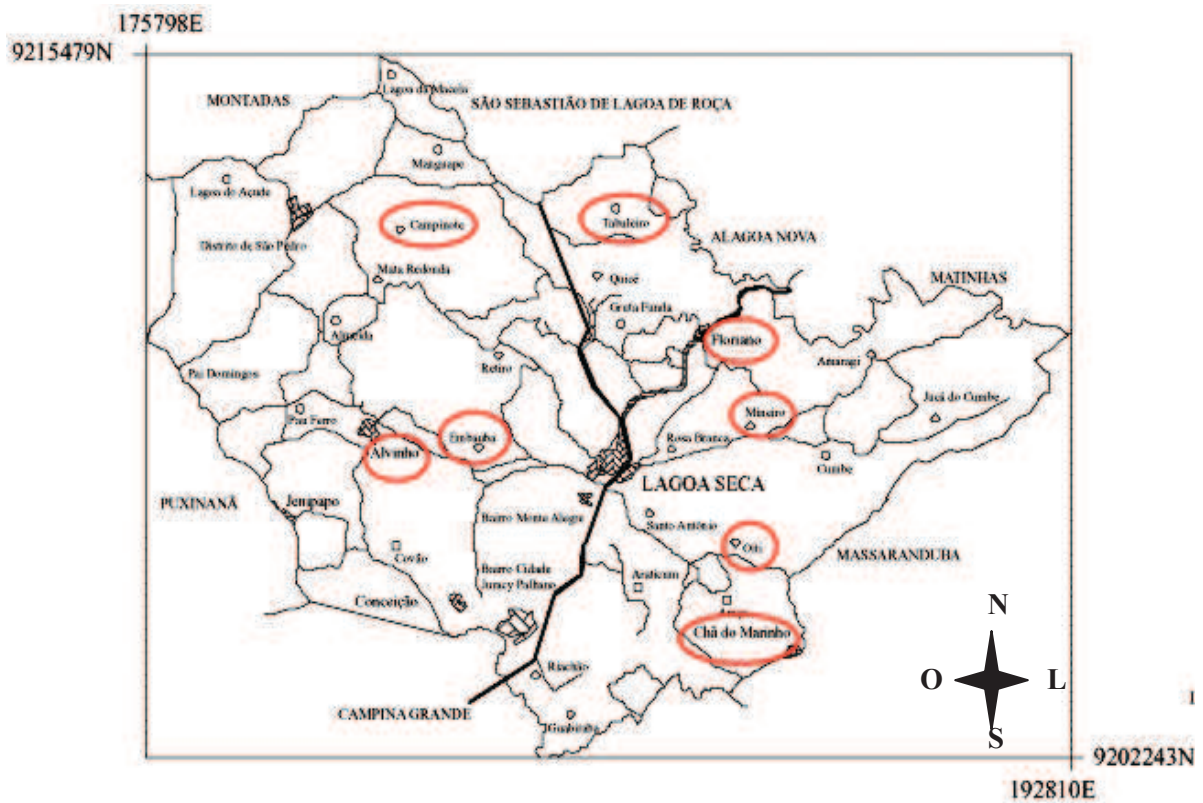


Figura 6: Mapa da cidade de Lagoa Seca/PB. Sítios onde foram realizadas as entrevistas (círculos).
 Fonte: Fundação Nacional de Saúde (Ministério da Saúde), 1996. Adaptado por Marksralison Araújo, 2011.

Segundo Araújo (2010, p. 18-19) Lagoa Seca possui 29 comunidades rurais e para a realização da pesquisa foram feitas entrevistas em 8 áreas rurais do município, onde se percebeu a relevância de se analisar o papel da violência no cotidiano dos moradores das comunidades rurais, como se verificará adiante.

2. RELAÇÃO CIDADE-CAMPO E GLOBALIZAÇÃO: a transformação dos espaços

2.1. O espaço na relação cidade-campo

O objeto de estudo da Geografia é a sociedade, apresentando um modo particular para estudá-la, sendo viabilizado o seu estudo pela organização espacial, ou seja, a forma em que a sociedade se espacializa. O espaço é a principal categoria geográfica, sendo composto por objetos naturais e artificiais, que são aqueles formados pela ação humana, estes objetos podem ser móveis ou fixos. Milton Santos apresenta com clareza sua definição:

Segundo Milton Santos, o espaço

[...] é formado por um conjunto indissociável, solidário e também contraditório, de sistemas de objetos e sistemas de ações, não considerados isoladamente, mas como um quadro único na qual a história se dá. No começo era a natureza selvagem, formada por objetos naturais, que ao longo da história vão sendo substituídos por objetos fabricados, objetos técnicos, mecanizados e, depois cibernéticos fazendo com que a natureza artificial tenda a funcionar como uma máquina. (SANTOS, 2006, p. 39)

E ressalta ainda que:

O espaço seria um conjunto de objetos e de relações que se realizam sobre estes objetos; não entre estes especificamente, mas para as quais eles servem de intermediários. Os objetos ajudam a concretizar uma série de relações. O espaço é resultado da ação dos homens sobre o próprio espaço, intermediados pelos objetos, naturais e artificiais. (SANTOS, 1988, p. 25)

Dessa maneira podemos compreender que o espaço é formado tanto pelo meio natural como pelo meio social e é construído e reconstruído cotidianamente a partir da circulação e ação dos seres, os quais interagem e interferem diretamente na natureza e no ambiente. No espaço dá-se as relações sociais fundamentadas no trabalho social em que os homens estabelecem relações entre si, e, a partir daí, com a natureza.

A cidade e o campo são espaços complexos e distintos que estabelecem uma inter-relação, dessa maneira não podem ser analisados e compreendidos separadamente. Ao longo da História foram repassadas várias idéias, tanto em relação à cidade quanto ao campo, o que gerou uma série de falsas informações que iludiram por muitos anos a mente de muitos que procuravam entender como se davam os processos desses espaços. Raymond Williams (1989, p. 11) faz os seguintes comentários com relação às características da cidade e do campo:

Em torno das comunidades existentes, historicamente bastante variadas, cristalizaram-se e generalizaram-se atitudes emocionais poderosas. O campo passou a ser associado a uma forma natural de vida – de paz, inocência e virtudes simples. À cidade associou-se a idéia de centro das realizações – de saber, comunicações, luz. Também constelaram-se poderosas associações negativas: a cidade como lugar de barulho, mundanidade e ambição; o campo como lugar de atraso e, ignorância e limitação. O contraste entre campo e cidade, enquanto formas de vida fundamentais, remonta à Antiguidade clássica.

Durante muito tempo as falsas imagens foram grandemente propagadas pela Sociologia Rural, a exemplo de Sorokin, Zimmerman e Galpin, (1981, p. 204) os quais acreditavam que

[...] a população das comunidades rurais tende a ser mais homogênea em suas características psico-sociais do que a população das comunidades urbanas. [...] as populações citadinas tem sido sempre “um cadinho” em que se misturam indivíduos de nacionalidades, religiões, culturas, tradições, costumes, condutas e gostos diferentes. [...] a cidade é uma comunidade na qual coexistem os tipos humanos os mais opostos e contrastantes: gênios e idiotas; brancos e negros; os mais sadios e os mais doentios; multimilionários e indigentes; imperadores e escravos; santos e criminosos; ateus e crentes ardentes; reacionários radicais e revolucionários radicais. [...] enquanto a comunidade do campo contém tipos mais “nivelados”, homogêneos e uniformes.

Para os autores o campo é um espaço em que sua população não é diferenciada, todos possuem características e realidades bastante semelhantes, homogeneizando as áreas rurais as quais, na verdade, apresentam-se cada vez mais complexas e singularizadas. Também remontam que as populações rurais, em sua maioria, vivem distantes da realidade, da informação, do mundo e que não possui fortes relações com a vizinhança e nem tem contato com os moradores da cidade.

Segundo Araújo (2010, p. 32)

Algumas dessas características ficaram praticamente extintas, como a imagem de paz traspassada pelo campo e a idéia de união entre os moradores da cidade, outras, porém, tornaram-se mais acentuadas, principalmente nas cidades, como a imagem da cidade enquanto centro do barulho, principalmente devido à infinidade de automóveis circulando nas zonas urbanas, números que aumentam a cada dia.

Biazzo citado por Ferreira, Romanato e Souza (2008, p. 284–285) comparam esses espaços dando ênfase a algumas de suas semelhanças: “[...] campo e cidade são formas concretas, materializam-se e compõem as paisagens produzidas pelo homem; ‘urbano’ e ‘rural’ são representações sociais, conteúdos das práticas de cada sujeito, cada instituição, cada agente na sociedade.” Também afirmam que pode haver urbanidades no campo, como

também ruralidades na cidade. Dessa maneira, torna-se visível as relações estabelecidas entre campo e cidade.

Uma das características mais marcantes das cidades é o grande número populacional residindo em suas áreas, com algumas exceções principalmente das cidades que estabelecem uma forte relação com a produção agrícola, dessa forma faz com que grande parte da população municipal estabeleça sua residência no campo.

A concentração demográfica é, freqüentemente, tomada como atributo das cidades, em comparação ao campo, onde as atividades desenvolvidas, muito mais marcadas pela extensão territorial, promovem relativa dispersão populacional, não gerando condições favoráveis ao adensamento. (SPOSITO, 2006, p. 113)

Endlich (2006, p. 25) afirma que, “se o rural significa limitação, o urbano representa uma condição social em que, teoricamente, é possível superar a precariedade”. Entretanto, pode-se afirmar que esse maior adensamento nas áreas urbanas ocorre quando a mesma oferece condições de vida adequadas a seus moradores. Caso contrário, se o rural apresenta mais oportunidades e oferece melhores condições de bem estar e econômicas, a população prefere permanecer no campo exercendo suas atividades, em geral, agrícolas, e fazem uso da cidade para a comercialização de sua produção, bem como na utilização de bens e serviços mais especializados, resultando muitas vezes em cidades, principalmente de pequeno porte, com uma população maior residente no campo que nas áreas urbanas.

Enquanto nas áreas urbanas os elementos fixos (a paisagem construída) são mais densos e aglomerados e seus fluxos (relações) são intensos, nas áreas rurais os elementos fixos são mais espacializados e os fluxos mais distantes. A característica mais marcante no campo é o ambiente menos desnaturalizado somada às relações construídas e estabelecidas entre sua população e seu meio. (ARAÚJO, 2010, p. 32)

Historicamente, o campo era o espaço de domínio das atividades agrícolas e pastoris, com o passar do tempo foram agregadas a ele outras atividades além das ligadas à agropecuária, como a de repouso e lazer. A industrialização e a expansão do sistema capitalista fizeram com que os espaços rurais absorvessem tecnologias advindas das cidades, tidas como a única detentora de civilização e conhecimentos, esses moradores do campo foram atraídos para as áreas urbanizadas em busca de emprego, escolaridade, bens e serviços, e acabaram por saturar as áreas urbanas com o fluxo migratório campo-cidade.

A presença e influência da industrialização foram fundamentais para caracterizar a nova organização territorial, que ampliou a urbanização e passou a ditar certas normas à produção agrícola, fazendo surgir os fluxos rural/periferias urbanas, o

campo sendo o espaço voltado para as atividades agrícolas mecanizadas, e as periferias urbanas abrigando esses trabalhadores rurais durante a noite, passando esses ambientes a definirem um novo modo de organizar seu território: na cidade, cultivos de hortaliças, criação de galinhas, caracterizando a periferia; no campo, chácaras, hotéis-fazenda, restaurantes, bodegas e pequenos comércios marcaram grande parte do campo. Tais características foram mais marcantes nas grandes cidades que tiveram o processo de industrialização mais acentuado, com seus conjuntos paisagísticos marcados pelas edificações e indústrias. (ARAÚJO, 2010, p. 34)

A cidade, por sua vez, surgiu para fins de relações de produção, estabelecendo um fluxo de mercadorias e capital, bem como dando origem às aglomerações. Conseqüentemente, a partir de então, sua expansão e desenvolvimento, como reforça Souza (2003, p. 25) “[...] toda cidade é um local de mercado, onde se dá um intercâmbio irregular de mercadorias.”

Portanto, compreende-se que a cidade e o campo são espaços complexos que não podem ser estudados isoladamente sem se atentar as suas especificidades e as relações estabelecidas em seu meio, tais como sociais, culturais, econômicas, políticas, dentre outras. Sua relações podem também gerar diversos conflitos tais como a propagação das áreas de favelas na cidade, esses territórios são marcados pelas condições precárias de vida da população, bem como pelo medo da população adjacente às pessoas que residem em suas áreas, dando origem ao fenômeno da violência nesses espaços, tanto pela violência física, como pela violência do preconceito existente em relação às pessoas que acabam não tendo alternativa e sendo levadas a prática de crimes.

Diante desse contexto complexo, o estudo apresenta a discussão do processo de globalização como agente de influência para um mundo cada vez mais violento e disposto às transformações espaciais, inserindo inicialmente a relação cidade-campo por entender que é necessário sua análise, mesmo que breve, no desenvolver do trabalho.

2.2. O processo de globalização

Entende-se como globalização o processo de integração econômica, social, cultural, política e informacional que interliga o mundo e apresenta-o como “sem fronteiras”. A globalização afeta todas as áreas da sociedade, principalmente a comunicação, o comércio internacional e a liberdade de movimentação, com diferente intensidade dependendo do nível de desenvolvimento e integração das nações ao redor do Planeta.

O processo de expansão do capitalismo na Europa nos séculos XV e XVI demonstra o quanto o processo de globalização não é novo, uma vez que a expansão capitalista européia tinha como objetivo a unificação do Planeta e a criação de um mercado mundial. Entretanto, o

termo globalização só começou a ser utilizado na década de 1980, referindo-se a um novo e mais avançado estágio de integração mundial.

A globalização foi possibilitada pela revolução técnico-científica e pela implantação das normas neoliberais, que tornaram porosas as fronteiras dos Estados territoriais. Entretanto, como em todo processo existem pontos positivos e negativos, também resultou e resulta numa sociedade cercada pelas incertezas, ansiedades, angústias e do medo como parte do cotidiano. Esse processo representa, mesmo que em graus diversos, o estágio supremo da unificação e não da união entre todos os indivíduos e lugares. Dessa forma, a globalização se configura como a extensão, para toda a escala do globo, da solidariedade organizacional a serviço da acumulação de capitais, pelos atores hegemônicos do capitalismo. Isso tem gerado um período da história da humanidade repleto de uma desintegração social fundada no aprofundamento das desigualdades econômicas entre as classes sociais e os territórios, fortalecendo os laços econômicos, privados, corporativos e etc.

Segundo Milton Santos,

A globalização constitui o estágio supremo da internacionalização, a amplificação em "sistema-mundo" de todos os lugares e de todos os indivíduos, embora em graus diversos. Nesse sentido, com a unificação do planeta, a Terra torna-se um só e único "mundo" e assiste-se a uma refundição da "totalidade-terra".

Trata-se de nova fase da história humana. Cada época se caracteriza pelo aparecimento de um conjunto de novas possibilidades concretas, que modificam equilíbrios preexistentes e procuram impor sua lei. Esse conjunto é sistêmico: podemos, pois, admitir que a globalização constitui um paradigma para a compreensão dos diferentes aspectos da realidade contemporânea. (SANTOS, 1998, p.48).

Podemos afirmar que o atual período é marcado pelo aprofundamento da concentração e centralização dos capitais em grandes empresas, constitutivas e grandes monopólios ou oligopólios, que caracterizam os mercados mundiais, cooptam, absorvem ou destroem as concorrentes menores nos lugares, nas regiões ou nos países onde se instalam, impõem suas políticas aos países hospedeiros dos seus investimentos, investe seletivamente na escala do globo e com isso aprofundam os desníveis de desenvolvimento social, econômico e espacial entre os diferentes territórios. Nesse mesmo contexto, o capital financeiro passou a dispor do globo terrestre inteiro para escolher os seus “solos férteis” onde possa extrair dinheiro sobre dinheiro. Esse capital, que atua de forma especulativa, procura os países que fornecem as maiores taxas de juros. O seu lucro é gerado pela mais pura especulação, não produz e nem gera empregos e ao se retirar sobre qualquer ameaça de concentração dos seus ganhos para

pastos mais verdejantes, joga as economias dos seus países hospedeiros na crise. (VASCONCELOS, FARIAS e SÁ, 2008, p. 156)

Essa discrepância continua quando se trata dos investimentos, das trocas e da distribuição da riqueza entre os países. Conforme ressalta BAUMAN,

[...] metade do comércio mundial e mais da metade do investimento global beneficiam apenas 22 países que acomodam 14% da população mundial, enquanto que os 49 países mais pobres, habitados por 11% da população mundial, recebem 0,5% do produto global – quase o mesmo que a renda combinada dos três homens mais ricos do planeta. 90% da riqueza total do planeta estão nas mãos de apenas 1% dos seus habitantes e não há quebra-mares à vista capazes de deter a maré global da polarização da renda – que continua aumentando de maneira assustadora (BAUMAN, 2007 apud VASCONCELOS, FARIAS e SÁ, 2008, p. 153).

Essa unificação do globo constituiu uma violência estrutural e uma perversidade do sistema, uma vez que se pauta nos impérios do dinheiro, da competitividade e da potência, gerando valores de individualismo e consumismo. E isto tudo é a origem dos demais tipos de violência.

[...] a globalização, portanto, longe de possibilitar a construção de uma solidariedade orgânica mundial, afirma-se como um processo de imposição, pelos agentes hegemônicos da economia, da solidariedade organizacional a todos os lugares e indivíduos. Nesse sentido, são esses agentes que comandam a unificação das técnicas e quem mais se servem da convergência dos momentos para ativar o motor de extração da mais-valia em escala global (VASCONCELOS, FARIAS e SÁ, 2008, p.155).

Tais distorções, promovidas pela globalização, se tornam um campo fértil para a produção de conflitos – terrorismo, xenofobismo, conflitos étnicos etc., que têm assolado todos os lugares do globo. O processo de globalização afeta a sociedade como um todo, sem discriminação entre áreas urbanas e rurais. Se a informação é sem fronteiras, os preconceitos se propagam do mesmo modo, resultando em um círculo de violência em todos os seus tipos.

A busca desenfreada pelo lucro gera uma sociedade cada vez mais competitiva e individualizada em que o bem coletivo é esquecido e a ética só existe para satisfazer os próprios interesses. São as múltiplas faces da globalização que transforma os espaços e alteram os fluxos e relações sociais.

2.3. Influência da globalização no campo

As novas circunstâncias históricas e as necessidades de desenvolvimento da própria vida impuseram a inserção e a circulação de tecnologias em todos os espaços, até nos mais

remotos lugares, dotando-os de autonomia e especializando-os, para que os mesmos pudessem persistir e resistir às dinâmicas do capital, o que fez com o que tanto a cidade quanto o campo aumentassem suas relações, dependendo cada vez mais um do outro, com elementos presentes nesses espaços em quantidades cada vez mais parecidas.

A Revolução Industrial provocou profundas transformações nas cidades, trazendo a industrialização e a urbanização dos espaços. A atividade industrial alterou o modo de vida da sociedade, desenvolvendo as forças produtivas, a ciência e a tecnologia, bem como a acumulação do capital nas mãos de poucos. E com a concentração das indústrias surgem as áreas urbanas, oferecendo instalações e serviços necessários à tornar habitável e confortável a vida nas cidades. Dentre outros serviços destacaram-se a luz elétrica, a água encanada, as redes de esgoto e hospitais. Portanto, o processo de modernização teve início na cidade, sendo considerado por muito tempo, sinônimo de modernidade, no qual as pessoas são bem educadas, cujas atitudes, gestos, palavras e comportamentos se confirmam com as regras da decência e da polidez, em oposição ao rural, sinônimo de atraso, arcaico e grosseiro. Entretanto, associam-se constantemente as paisagens rurais à paz, enquanto o urbano à desordem.

Com o surgimento da globalização e o crescimento dos meios tecnológicos, o campo teve a necessidade de acompanhar esses avanços para que pudesse continuar a produzir e inserir-se no mercado competitivo. Os hábitos simples e de harmonia com a natureza, nas áreas rurais, foram alterados em função da modernização do sistema agrícola, da universalização das técnicas e do intenso fenômeno da globalização, tornando-se cada vez mais um espaço sujeito e vulnerável a práticas de violência.

A cidade, com sua densidade demográfica e abundância de bens móveis, fornecia maiores e as mais amplas oportunidades para o roubo, ocorrendo assim, a violência nesse território com muito mais frequência, devido ao maior índice de mendigos, ladrões, assassinos e bandidos. Mas, com o passar das décadas, as áreas ficaram cada vez mais vulneráveis as práticas do banditismo, principalmente com os avanços e o desenvolvimento das mais diversas técnicas e materiais de alto custo comercial, o que impulsionou práticas de violência nos territórios rurais.

As transformações ocorridas nos territórios rurais por consequência da tecnificação do campo exigiram que o trabalhador agrícola aumentasse sua produção e utilizasse produtos químicos, além de equipamentos e maquinaria que antes eram desconhecidas ao homem do campo, para produzir mais, e assim, continuar inserido no mercado consumidor. O território passou a se especializar e houve a necessidade de expandir a infra-estrutura da cidade para o

campo com o objetivo de facilitar o fluxo da produção, ou seja, o processo de urbanização do campo, dessa forma assumiu um novo papel e um novo valor.

As facilidades e desenvolvimentos apresentados ao campo, expressos através do maior número de automóveis, motocicletas, computadores, celulares, equipamentos agrícolas, como tratores que substituem a força bruta, trouxe consigo diversos outros elementos, como principalmente a prática da violência.

De acordo com Raymond Williams (1989, p. 11), os territórios rurais sempre foram caracterizados por serem espaços voltados, além do trabalho agropecuário, para o lazer, remetido a idéia de paz, o que faz com que muitos moradores das grandes cidades, criem nessas áreas espaços para seu descanso e lazer, como os chacareiros e sitiantes, com o intuito de se afastarem do cotidiano corrido, agitado e inseguro das zonas urbanas.

Com o passar dos anos essa imagem foi sendo desfeita e a tranquilidade do campo foi substituída pelo medo e insegurança, uma vez que a aquisição de alguns bens de valor material pelos moradores do campo tem chamado a atenção de assaltantes e marginais, bem como por ser um local mais camuflado e assim servir de fácil esconderijo para esses sujeitos.

No capitalismo, esse espaço vem a ser constituído com fortes disparidades, incluindo a permanência e/ou recriação de um “rural idílico”, fossilizado ou não, que funciona como uma rugosidade capaz de re-valorizar o espaço rural para atender a demandas de bem-estar, segurança e lazer de parte da população, muitas vezes de origem urbana. Tais rugosidades constituem-se como indícios de que a ruralidade, ao invés de se dissolver numa urbanidade onipresente, é recriada constantemente. (FERREIRA, MACIEL, 2007, p. 39)

O espaço rural tem se transformado, sua cultura e seus valores se alteraram causando um menor distanciamento entre o rural e o urbano e uma convergência entre os dois modos de vida, ocorrendo de maneira heterogênea ressaltando-se a diversidade de realidades. Na verdade, tratar do espaço rural vai além de simplesmente tomar o espaço agrícola como objeto. A interação sociedade-natureza ultrapassa os limites da morfologia e abrange a dimensão cultural que perpassa a unidade cidade-campo.

2.4. O processo de globalização e sua relação com o fenômeno da violência

Em nossa época, com a unificação do mundo resultante da globalização, dadas as condições materiais típicas da instalação do meio geográfico técnico-científico-informacional, (SANTOS, 1998) o mundo torna-se um todo integrado, com a vida estando sujeita aos eventos na escala-mundo. A montagem desse novo paradigma propiciou a difusão sistêmica

da violência estrutural, tão bem visível e sentida no cotidiano através de suas manifestações em formas de violências funcionais derivadas, resultando em medos de toda ordem. De acordo com Santos (2000, p. 55-56),

[...] a violência estrutural resulta da presença e das manifestações conjuntas, nessa era da globalização, do dinheiro em estado puro, da competitividade em estado puro e da potência em estado puro, cuja assíncrona conduz à emergência de novos totalitarismos e permite pensar que vivemos numa época de globalitarismo muito mais que de globalização. Paralelamente, evoluímos de situações em que a perversidade se manifestava de forma isolada para uma situação na qual se instala um sistema de perversidade, que, ao mesmo tempo, é resultado e causa da legitimação do dinheiro em estado puro, da competitividade em estado puro e da potência em estado puro, consagrando, afinal, o fim da ética e o fim da política.

Ainda segundo o autor, a trilogia dinheiro, competitividade e potência, todos em estado puro são fundamentos explicativos para a violência e o medo generalizado presente no cotidiano da humanidade. O dinheiro e o consumo regulam a vida da sociedade capitalista, atribuindo ao indivíduo que a única forma de ter o status social é através dos bens possuídos, bem como é uma consequência do desamparo e do medo enfrentado pela sociedade. A necessidade do consumo e da obtenção do lucro (dinheiro), leva a sociedade a ser cada vez mais competitiva e adotar idéias e valores que não levam em consideração o papel social coletivo, mas sim a individualidade da nova ética que se estrutura no mundo. Tudo isso resulta na busca pelo poder, a potência em estado puro, o uso da força para dominação a fim de conseguir mais dinheiro e gerar maiores competições.

Nesse quadro de violência estrutural e perversidade sistêmica onde predomina o império do dinheiro, da competitividade e da potência, impera também o consumo de todos os tipos, o qual induz a comportamentos egoístas de indivíduos ou grupos de indivíduos e encontra-se por trás da defesa útil (e às vezes bem-sucedida) de interesses corporativos, ao mesmo tempo em que atrofia o cidadão porque este é não raro ensombrecido pelo usuário e pelo consumidor, afastando para muito depois a construção do homem público (SANTOS, 2002 apud VASCONCELOS, FARIAS e SÁ, 2008, p.161).

Estatísticas e estudos variados sobre essa temática comprovam a real situação da sociedade. Sérgio Adorno assinala que “desde meados da década de 1970, vem-se exacerbando, no Brasil, o sentimento de medo e insegurança”. Destacando que “não parece infundado esse sentimento”. Pois ele é confirmado, na medida em que

[...] as estatísticas oficiais de criminalidade indicam, a partir dessa década, a aceleração do crescimento de todas as modalidades delituosas. Crescem mais rápido os crimes que envolvem a prática de violência, como os homicídios, os roubos, os

seqüestros, os estupros. (ADORNO, 2002 apud VASCONCELOS, FARIAS e SÁ, 2008, p. 166).

Todas as informações disponíveis atestam o crescimento da violência e do capital do medo nas últimas três décadas, implicando modificações impressionantes na sociabilidade, mas também no espaço urbano e, sobretudo, no espaço rural, que é reorganizado e morfologicamente modificado, tendo suas paisagens alteradas com a incorporação da materialidade do capital do medo.

Esse cenário de violência e criminalidade, que é comum em todo planeta, impulsiona a defesa por consequência do medo e da insegurança e refletem nas formas espaciais, condicionando os espaços e transformando as relações sociais.

Assim, verifica-se que as contradições do sistema capitalista multiplicam os problemas e as desigualdades sociais, favorecendo as elites em detrimento da maior parcela da população que vive em condições precárias ou de completa miséria, além de contribuir para a expansão da violência, tendo em vista que indivíduos sem oportunidades e excluídos da sociedade acabam buscando na criminalidade uma tentativa de inclusão social e como forma de sobrevivência.

O crime se apresenta como uma “opção” aceitável quando os indivíduos percebem ou crêem que as “opções” conforme a lei é mais conveniente para a parcela privilegiada da população, como resignar-se a salários miseráveis ou a esmolas, não valem à pena ou são ainda piores que os riscos e sofrimentos que uma “carreira” criminoso acarreta. (SOUZA, 2005, p. 87.)

A violência nos priva de direitos que deveriam ser assegurados a todos os cidadãos tais como a liberdade de ir e vir, a liberdade de expressão, nos impede de uma forma geral de realizar tarefas simples de ser e até mesmo de viver, além de fazer a sociedade refém do medo, tornando-a como refugiada em seu próprio lugar. A cidadania é esquecida e dá-se espaço ao medo e insegurança generalizados. Esta situação que presenciamos e vivemos atualmente é reflexo das contradições do sistema capitalista e das desigualdades geradas pelo mesmo. Dessa forma a violência só será vencida quando a sociedade estiver organizada de maneira a diminuir as desigualdades existentes (ODÁLIA, 1985 apud MEDEIROS e SILVA, 2008, p. 272).

A inserção da violência enquanto categoria sócio-espacial ainda precisa de maior compreensão, principalmente para entender realidades rurais. Ou seja, além das múltiplas análises desses fenômenos que desafiam o poder de Estado e até os estudiosos, os processos

sócio-político-espaciais são bem distintos mesmo que não se possa negar que a “globalização da violência” seja uma realidade universal e que assola e se propaga a todos os lugares.

3. VIOLÊNCIA NO CAMPO

3.1. Definições de violência

Uma das palavras-chave utilizadas no estudo geográfico é o território, que é definido por Marcelo Lopes de Souza (1995, p. 78) como “um espaço definido e delimitado por relações de poder”, um instrumento para o exercício do poder. Também acrescenta que o território pode ser entendido à escala nacional e em associação com o Estado como grande gestor, entretanto sua escala é diversificada que pode variar da mais acanhada até à internacional. Aliando-se ao conceito de território estão as noções de dominação, poder, autoridade, competência e violência, foco principal do estudo. Dessa forma, a territorialidade da violência perpassa todas as escalas, que vão de um quarteirão a âmbitos globais.

“Violência provém do latim *violentia*, que significa ‘veemência’, ‘impetuosidade’, e deriva da raiz latina *vis*, ‘força’”, segundo Pinheiro e Almeida (2003 apud SOUZA, 2010, p. 3) quando busca sua significação. Há um consenso que a violência não se apresenta de uma única forma. Ela possui classificações que podem divergir nas mais variadas literaturas. Alguns campos de estudo, trazem mais subsídios a respeito dessa temática, como a psicologia e a sociologia, contudo fazem um enfoque presente nas ações dos indivíduos – o que não deixa de possuir reflexo no espaço físico.

Enquanto conceito, a palavra violência demanda certo esforço para contemplar o seu significado, levando-se em consideração a sua diversidade, a natureza dos acontecimentos e a forma de atuação. A Organização Mundial de Saúde (OMS) coloca o seguinte conceito para violência:

O uso intencional da força física ou do poder, real ou potencial, contra si próprio, contra outras pessoas ou contra grupo ou uma comunidade, que resulte ou tenha grande possibilidade de resultar em lesão, morte, dano psicológico, deficiência de movimento ou privação (PINHEIRO, 2003 apud SOUZA, 2010, p. 3).

Essa definição possibilita a visão de que as relações de poder sejam, também, vistas como ato violento, de acordo como se estabelecem, bem como abre precedente para as violações dos direitos humanos. Ainda contempla as formas de violência que necessariamente não ocasionam lesão ou morte.

Outro significado, que mantém a preocupação de colocar a violência como uma ação danosa ao físico e ao psíquico é apresentada por Regis de Moraes (1981 apud SOUZA, 2010, p. 3):

Violência está em tudo que é capaz de imprimir sofrimento ou destruição ao corpo do homem, bem como o que pode degradar ou causar transtornos à sua integridade psíquica. Resumindo-se: violentar o homem é arrancá-lo da sua dignidade física e mental.

Quando falamos de violência estamos nos remetendo a algo eminentemente humano, algo que visa a transgredir determinada legalidade. É consenso entre os autores que não há sentido em falar de uma forma de dominação que se dê exclusivamente pela violência, a violência tem um caráter instrumental e variável ao longo da história.

A violência é um flagelo social que se apresenta com cada vez maior complexidade. Ela toma uma dimensão multifacetada, porém a dimensão histórica não pode ser esquecida, como bem caracteriza Martuccelli (1999, p. 158) quando contextualiza a violência e a transformação dos significados da mesma na modernidade:

Ela (a violência) poderia ser interpretada como parteira da história. O marxismo e a luta de classes foram sem dúvida a expressão maior dessa representação. Essa violência cuja inteligibilidade social era inteiramente política, conheceu muitas variantes, na medida em que era dotada de dimensões ‘existenciais’, psíquicas’, até mesmo ‘estéticas’, como foi o caso de algumas vanguardas artísticas. (Grifos nossos)

Há violências legitimadas: o Estado capitalista, baseado nos princípios liberais de acúmulo de riquezas, economia de mercado, a livre concorrência e o direito à propriedade, produziu a maior das violências de base. A desigualdade e a exclusão social no mundo moderno são frutos da estratificação pela posse. Esta determina a relação entre as pessoas, remodela os preconceitos e segmenta o ambiente físico.

Entretanto, é importante lembrar que muitas vezes associamos a violência apenas à agressão como afirma Odália (1985 apud MEDEIROS e SILVA, 2008, p. 272):

[...] Quando nós falamos em violência ou nos preocupamos com a violência, sua primeira imagem, sua face mais imediata e sensível, é a que se exprime pela agressão. Agressão física que atinge diretamente o homem tanto naquilo que possui, seu corpo, seus bens, quanto naquilo que mais ama, seus amigos, sua família.

Acrescentando ainda, a violência configura-se pela ação que resulta em efeitos de ruptura da ordem social e sempre atinge determinado bem socialmente valorado onde muitas

vezes é irreparável, como é o caso dos crimes contra a pessoa, quando se é retirada a própria vida.

As grandes civilizações expandiam e conquistavam seus territórios utilizando a força, ou seja, a violência, o próprio processo de colonização brasileira foi também um ato de violência contra os povos aqui existentes, não apenas pela violência da escravidão sofrida por eles, mas também pelo autoritarismo da Igreja em catequizá-los contra suas vontades e necessidades, impôs sua crença a povos com identidade própria atestando além da violência física, uma violência religiosa, um atentado contra os direitos humanos.

A violência é, portanto, assimilada ao imprevisível à ausência de forma, ao desregramento absoluto. Não é de espantar se não podemos defini-la como as noções de caos, de desordem radical, de transgressão. Ela, com efeito, envolve a idéia de uma distância em relação às normas e às regras que governam a sociedade, regras essas ditas naturais, normais ou legais. Como definir o que não tem nem regularidade, nem estabilidade, um estado inconcebível, no qual, a todo momento, tudo ou qualquer coisa pode acontecer? Como transgressão das regras e das normas, a violência é o próprio sinônimo do imprevisível. Num mundo estável e regular, ela introduz o desregramento e o caos. Compreende-se então que palavra violência denomina uma situação de caos absoluto, onde reina a guerra de todos contra todos.

A violência é definida e entendida em função de valores que constituem o sagrado do grupo de referência. Apesar das diversidades dos grupos humanos, alguns valores recebem uma adesão mais ampla, mas isto não pode dissimular a divergência e a heterogeneidade das convicções. A idéia da violência cristaliza essa heterogeneidade e essas divergências, tanto que o recurso a ela para apreender os fatos é o indício mais seguro de que estão em causa valores importantes – e no centro de um antagonismo.

As várias formas de violência - a institucionalizada, a social, a política e revolucionária – classificadas assim por Odália (2004 apud SOUZA, 2008, p. 199), buscam abarcar a os vários conceitos de violência.

A primeira diz respeito das diferenças entre os homens na qual se permite que alguns poucos usufruam à saciedade o que a grande maioria é negado; a social, onde para o autor toda violência é social, contudo usa a terminologia para a violência que atinge seletiva e preferencialmente certos segmentos da população, os desprotegidos; a violência política que assume formas diversas e sutis que vão desde um assassinato político a leis impeditivas e a revolucionária que trata-se também de uma violência política, mas que busca justificar seus atos de terror e de exceção pela invocação do seu caráter revolucionário.

Maria Cecília Minayo propõem três categorias para classificar a violência, são elas: a violência estrutural, a violência de resistência e a violência de delinquência. A violência estrutural seria opressão exercida pelos sistemas econômico, político e social e pelas instituições em geral sobre grupos, classes, nações e indivíduos; a de resistência seriam as de reações à violência estrutural e a de delinquência as ações fora da lei estabelecida. (MINAYO, 1994 apud SOUZA, 2008, p. 199).

É grande a literatura que aborda sobre o estudo da violência, principalmente no que se trata da violência urbana. O tema violência no campo é bastante abordado quando se trata dos movimentos sociais ligados a reforma agrária, entretanto quando se trata de violência nas áreas rurais como uma violência que se assemelha a violência nas cidades é escasso, ficando a cargo dos pesquisadores expandir as pesquisas sobre o assunto.

São diversas as classificações das formas de violência, bem como das suas causas. Tendo em vista esse contexto, Ristum aponta duas grandes categorias de causas: as causas contextuais e pessoais. Sendo que as contextuais são subdivididas em distais (produzidas pelas conjunturas econômica, social, política e cultural) e proximais – relacionadas a violência que estão presentes no ambiente e com os quais os indivíduos que praticam a violência tem contato direto. Já as pessoais referem-se ao descontrole emocional, de temperamento, de índole, dentre outras causas. (RISTUM, 2004 apud SOUZA, 2008, p. 199).

A análise da violência enquanto fenômeno é fundamental para a compreensão da própria espacialidade social e da conseqüência fatal para a mesma. Considerar estes aspectos sociais, culturais, políticos e econômicos é de importância incomensurável para a construção de políticas públicas transversais focadas na preservação da vida e não simplesmente na aplicação da punição e coleção numérica de vítimas.

3.2. A insegurança e o medo no campo

Nos espaços rurais a paisagem e as relações sociais apresentam-se relativamente mais “esparsas” que os ambientes urbanos, guardando alguns costumes e práticas sócio-espaciais diferenciados dos encontrados nas cidades. Apesar das grandes transformações trazidas pela industrialização, ainda se pode destacar a atividade agrícola como um dos principais elementos que caracterizam as áreas rurais.

No sentido habitual da expressão, espaço rural é o campo. Surgiu na superfície do mundo por ocasião da “revolução neolítica”, trazendo consigo os primórdios da agricultura e as primeiras formas de organização do espaço, em vista de uma

produção agrícola: isto ocorreu no Egito e na Mesopotâmia, há sete milênios. O espaço rural constitui, e, sobretudo, constituía, em primeiro lugar, o domínio das atividades agrícolas e pastoris (Dolfuss, 1991 apud FERREIRA, MACIEL, 2007, p. 38)).

O mundo parece menor, com a velocidade na comunicação dos acontecimentos por meio da rede mundial de computadores e informações, a Internet, e outros veículos de comunicação, como a televisão. Os hábitos estão cada vez mais uniformizados, pessoas comem nas mesmas redes de *fast food*, bebem os mesmos refrigerantes, vestem jeans, ouvem músicas semelhantes e assistem aos mesmos filmes.

A expansão das empresas multinacionais, o crescimento do turismo, o desenvolvimento dos meios de transporte e comunicação, o crescimento do comércio internacional são algumas das conseqüências do intenso processo de globalização. Outras conseqüências não são positivas como o rápido acesso aos armamentos com maior poder de destruição. Dessa forma, a violência se expande da mesma forma impressionante que a globalização, atingindo todas as partes do globo.

Dessa forma a violência não está mais restrita as cidades, as áreas rurais também tem sido vítimas constantes desse fenômeno.

Foi-se o tempo em que o campo ainda podia ser considerado refúgio para quem deseja se afastar da violência que marca as grandes cidades. Hoje, os roubos e assaltos com violência estão tão associados às chácaras, sítios e fazendas quanto com os bairros mais violentos de algumas cidades, com roubos de máquinas e defensivos agrícolas, gado, assaltos às moradias dos agricultores e até mesmo servindo como rota para o tráfico de drogas. (CARVALHO, 2008, Sítio na internet).

As áreas rurais passaram a ser alvo de assaltos e furtos, uma vez que o processo de globalização resultou na utilização de objetos mais tecnificados pelo homem do campo, como computadores, automóveis e motocicletas, bombas para irrigação, além de sofrerem com violência física e moral, principalmente contra idosos e aposentados. Todas essas práticas que eram mais visíveis nas cidades têm sido vistas constantemente no campo. As cercas, utilizadas para dividir as propriedades e impedir a passagem do rebanho, tem sido usadas e reforçadas para dificultar a atuação de bandidos, no entanto, sem muita eficácia.

A dificuldade na atuação da polícia nessas áreas torna quase impossível a punição desses indivíduos, entretanto, o que ainda marca as zonas rurais é a relação de vizinhança dos seus moradores, mesmo com a distância entre uma residência e outra, os laços permanecem e atuam de certa forma como um vínculo de segurança para aqueles que não têm condições que migrarem para a cidade. Essa nova realidade do campo tem feito com que muitos

trabalhadores rurais migrem para as cidades em busca de maior segurança e refúgio para sua família.

A tranquilidade foi substituída pelo medo e insegurança, uma vez que a aquisição de alguns bens de valor material pelos moradores do campo chamam a atenção de assaltantes e marginais, bem como por ser um local mais camuflado e assim servir de fácil esconderijo para esses sujeitos.

A cidade, enquanto aglomeração de pessoas e do capital, é caracterizada também pelos casos de violência, os quais só se alastraram e se disseminaram, independentemente do porte da cidade. Essa insegurança nas áreas urbanas está visível no distanciamento dos indivíduos com seu meio, ou seja, a população tende a se isolar cada vez mais pelo medo do outro, o que acarreta no crescimento dos condomínios fechados, nas residências com altos muros e cercas elétricas, segurança privada, dentre outras. E como reforça Pedrazzini, (2006, p. 99)

O problema (da violência) não se restringe às grandes cidades e não parece fundado em situações reais, pois observamos o sentimento de insegurança invadir igualmente cidades médias e pequenas, inclusive aquelas onde não foram constatados incidentes violentos recentes, mas que se encontram expostas à globalização desse sentimento urbano, hoje também perceptível em meio rural. (Grifos nossos)

Quando esses trabalhadores rurais migram para a cidade acabam encontrando outros problemas, pois não tendo condições de comprar seu imóvel nas áreas centrais das cidades, enchem as periferias e sofrem com os problemas de infraestrutura, como falta de esgotamento sanitário adequado, além de muitas vezes ter sua residência construída em áreas de risco de desabamento nos períodos de chuva. Essa problemática da violência extrapola das questões de segurança pública, é um problema social que requer uma solução urgente por parte do sistema público.

3.3. As migrações para a cidade: a busca por segurança

Na medida em que o campo não oferece a segurança desejada e tão ansiada pela população rural, a tendência da mesma é partir para outro espaço onde haja um “refúgio” (se é que ele existe), que proporcione, mesmo que ilusoriamente, a idéia de segurança.

A cidade, mesmo com as possibilidades de segurança, como os investimentos estatais em segurança, mesmo que precários, proximidade das residências, maior fluxo de pessoas, não deixa de ser o local da circulação de maior capital, concentração do comércio, maior mobilidade, de maior divulgação dos casos de violência, enquanto o campo muitas vezes tem

ficado a margem dos dados, e na era da globalização, em que o mundo está conectado e interligado, o que tem caracterizado o ser humano nessa modernidade é o individualismo, onde cada um está sempre em busca dos próprios interesses e desprezando as necessidades coletivas. O medo do outro passa a fazer parte do cotidiano tanto do campo como também das cidades, e nesses espaços os muros altos das casas não só separam a área onde é fixada a morada, como também separa o indivíduo de todo um conjunto de relações comunitárias, separa-o do convívio entre vizinhos e transforma-o em um ser cada vez mais isolado e individualizado. Como ressalta Bauman (2009, p. 16)

Poderíamos dizer que a insegurança moderna, em suas várias manifestações, é caracterizada pelo medo dos crimes e dos criminosos. Suspeitamos dos outros e de suas intenções, nos recusamos a confiar (ou não conseguimos fazê-lo) na constância e na regularidade da solidariedade humana.

E como contraste dessas características individualistas presentes especialmente nas cidades, o campo apresenta-se como uma área que interliga os moradores, os mesmos estabelecem fortes relações de vizinhança, onde normalmente todos se conhecem, se visitam com maior frequência, apesar da distância entre as residências e a dificuldade na locomoção, com relação à declividade do relevo da maioria das comunidades rurais. Entretanto, nem essas relações de amizade conseguem suprir a necessidade do campo por maior segurança. O medo tem se alastrado, as ações dos bandidos estão mais frequentes e violentas, enquanto o sistema de segurança público, cada vez mais defasado em relação à quantidade de policiais e automóveis, conseqüente da falta de investimento nessa área. Por conseqüência disso há o aumento significativo de migrações campo-cidade devido ao medo resultante da violência.

Em outros casos, mesmo em meio a essa expansão da violência no campo e a vulnerabilidade nas áreas rurais por conseqüência da dificuldade ao acesso, existem aqueles que apresentam forte resistência à migrarem para a cidade, principalmente porque não tem condições financeiras de se deslocarem, uma vez que as terras urbanas tem, geralmente, um preço mais elevado que nas áreas rurais e quando da família decide vender sua propriedade e migrar, apesar da cidade aparentar superficialmente a ideia de ser “acolhedora”, as condições reais são totalmente contraditórias, pois esses moradores que descendem do campo acabam ficando segregados nas periferias, onde não há infra-estrutura adequada, ou seja, o que predomina é a incapacidade da cidade em atender os que nela vivem, o urbano apresentando-se como o portador do progresso sem inserir todos seus habitantes nele (RODRIGUES, 2004, p. 79). Essa exclusão social tem causado o aumento da violência dentro das cidades, como

ainda contribui Rodrigues (op. cit, p. 80) [...] “um desafio para compreender a violência urbana é analisar a falta de acesso da população aos denominados benefícios urbanos, mas, principalmente, ao desenvolvimento de sua capacidade de pensar.”

Diante do exposto, levanta-se o questionamento: A cidade poderia ser considerada um espaço seguro? Mesmo aparecendo os laços de solidariedade como ultrapassados e fora da realidade, ainda pode-se dizer que o resgate a essas relações podem melhorar os impactos causados pela violência. Se no campo essas relações são mais fortalecidas e algumas práticas e costumes das cidades foram absorvidos pelo campo ao longo dos anos, por que não utilizar esse recurso como um elemento de segurança também para os moradores urbanos?

Constatou-se, através da pesquisa, duas características marcantes com relação ao papel da vizinhança como um artifício de segurança: apenas um morador entrevistado afirmou que prefere isolar-se, alegando que essa ligação entre vizinhos acaba acarretando mais violências, principalmente assaltos a residências, devido ao fato de esses moradores da circunvizinhança estarem totalmente informados do cotidiano da família, tendo informações como os horários de cada indivíduo, emprego e até mesmo salário, os demais moradores, no entanto, principalmente aqueles que residiam nas comunidades durante a infância ou que migraram para a cidade por consequência da violência, dão extrema relevância a tal contato entre vizinhos, pois ao se estabelecer esse elo de amizade há maiores chances de, em qualquer ocorrência, pedir a ajuda de um vizinho ou mesmo quando a família precisa ausentar-se por algum motivo, os vizinhos, se foi estabelecido esse laço de amizade, acabam se tornando os “responsáveis” pela residência, uma vez que esta fica a mercê dos bandidos.

Para aqueles que não admitem o papel da vizinhança, enquanto elemento colaborador de inibição da violência, é que tem se expandido os condomínios fechados e, no caso de Lagoa Seca, os loteamentos, com terrenos de alto custo, se for analisado o porte da cidade, bem como pela proximidade com Campina Grande. Portanto, tal categoria se enquadra nos atuais habitantes urbanos, os quais se isolam de toda relação social, como ressalta Pedrazzini (2006, p. 100)

Os habitantes urbanos não conseguem mais distinguir as violências que os assustam, tampouco identificar o “inimigo” ou o “agressor”. Constatamos um enfraquecimento das defesas tradicionais do sistema social, como os valores de solidariedade e os laços comunitários, já relativizados pelas sociabilidades individuais contemporâneas.

Com a incapacidade do sistema de segurança público de defender eficientemente os indivíduos, a população deve encontrar uma alternativa para refugiar-se do perigo,

independentemente do espaço onde inserido. Se a modernidade obriga ao individualismo, que se retome os laços antigos, que se pratique a reciprocidade de relações amistosas. Como complementa Bauman (2009, p. 20), “A *solidariedade* sucedeu a *irmandade* como melhor defesa para um destino cada vez mais incerto.” (Grifos do autor).

Todos os lugares estão sujeitos e vulneráveis a prática e expansão da violência. Como o poder público não se mobiliza com tanta velocidade quanto se propaga a violência, a alternativa é a união da população e a criação, nessas áreas urbanas, de espaços de cidadania, em que estejam garantidos a todos, e não apenas a uma minoria, de direitos garantidos constitucionalmente.

É responsabilidade do Estado moderno fornecer a infra-estrutura, os equipamentos e os meios de consumo coletivos necessários a reprodução do capital e da força de trabalho. Para o capital a resolução dos problemas urbanos é considerada uma necessidade e é tida como uma forma de atendimento às carências, doações. Esse é um outro viés que precisa ser analisado sobre a violência: a violência de desconsiderar o trabalho e o trabalhador como fonte de riquezas para o Estado e de tratá-los como fonte de problema. (RODRIGUES, 2004, p. 81)

Investir no bem estar da população significa um retorno para a sociedade, minimizando, a partir daí, a violência, como investimentos na educação, saúde, segurança, emprego e renda, dentre outros, o resultado de uma boa gestão volta para a sociedade e essa estará apta e revigorada para o bom exercício da cidadania, não só no âmbito político como também em vários outros aspectos.

A exigência, portanto, é que haja um investimento em vários âmbitos e aspectos que proporcionem uma melhor qualidade de vida da população, independentemente do espaço no qual o indivíduo esteja inserido, todos tem direitos iguais, independente se for do campo ou da cidade, a paz não é só um direito é também um dever.

3.4. Violência na zona rural: o caso do município de Matinhas/PB

A partir dos registros das ocorrências policiais observou-se que o número de ocorrências na zona rural da cidade de Matinhas aumentou gradativamente entre os anos de 2003 e 2008, sofrendo uma queda nos últimos dois anos (Gráfico 5). Apesar do menor número de registros policiais nos anos de 2009 e 2010, não podemos indicar que houve uma redução no índice de criminalidade na zona rural do município, uma vez que grande parte dos entrevistados afirmaram que, na maioria das vezes, não prestam queixa a polícia, por estarem

desacreditados no trabalho da polícia e na justiça, por muitas vezes, ser o agressor parente próximo da vítima ou por comodismo. Afirmaram ainda que o não registro das ocorrências é uma prática cada vez mais comum na comunidade. Segundo os entrevistados a criminalidade já faz parte do cotidiano das pessoas que moram no campo e, de fato, 48,9 % dos entrevistados afirmaram não sentirem-se seguros na localidade, e 82,9 % dos mesmos acreditam no aumento da criminalidade na zona rural do município. Assim, podemos sugerir que provavelmente o índice de criminalidade não tenha caído, mas sim o número de registros policiais por parte da comunidade.

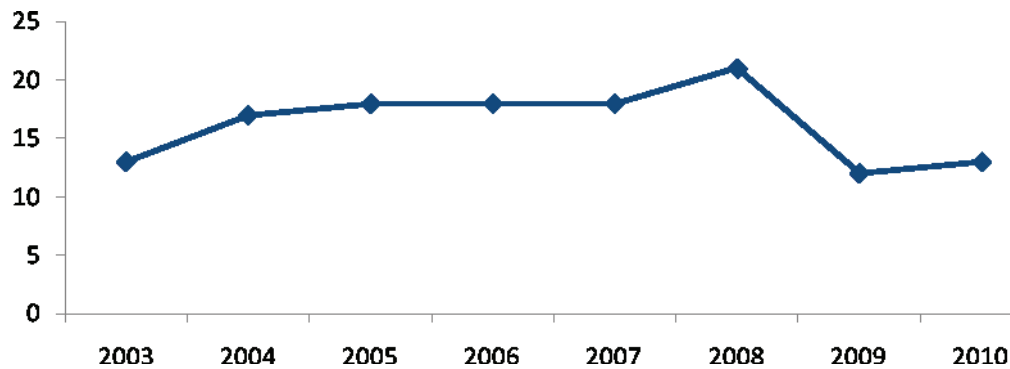


Gráfico 5 - Número de registros policiais dos últimos oito anos referente à zona rural da cidade de Matinhas/PB. Fonte: Pesquisa Direta, 2011.

O Município de Matinhas sempre foi considerado ambiente de extrema tranquilidade desde da sua emancipação política na década de 90, uma vez que, as ocorrências policiais consistiam de pequenos furtos sem agressões. Progressivamente, surgiram outros tipos de criminalidade tais como roubos qualificados, estupros, homicídios, suicídios, espancamentos, arrombamentos, agressões física e psicológica, violento atentado ao pudor, tráfico de drogas, entorpecentes ilícitos e uso de armas de fogo.

Assim como ocorreu em todas as comunidades rurais, a globalização foi a principal geradora de um campo mais tecnificado e informatizado na zona rural da cidade de Matinhas, na qual a população passou a usufruir objetos de valor, atraindo os bandidos que, conseqüentemente, alimentaram a hipótese da população em se deslocar para o centro urbano. Da mesma forma, o campo necessitou de acompanhar o avanço do crescimento dos meios tecnológicos para continuar a produzir e estar sempre inserido no mercado competitivo. Portanto, a população do campo passou a utilizar técnicas e a manter relações mais intensas e constantes com a cidade, alterando assim, seus valores, crenças e costumes. Além disso, o

campo tornou-se um espaço propício para a instalação da violência, já que passou a se constituir de objetos de valor (adquirido com a venda da laranja) e de um local onde seus habitantes estão sempre desprotegidos do aparato policial, uma vez que, este se encontra distante das comunidades rurais.

Atualmente o pânico não é mais presente apenas no cotidiano das cidades, na zona rural, o rápido aumento de crimes, desde pequenos furtos até homicídios e latrocínios, passou a ser uma realidade que preocupa bastante a população rural. Isso se reflete no fato de até 44,6% dos entrevistados desejarem abandonar o campo ou de 48,9% conhecerem alguém que tenha se mudado para o centro urbano, em virtude de se sentirem ameaçados pelos bandidos e desprotegidos pela falta de segurança.

Apesar da redução dos registros policiais nos últimos anos, podemos observar uma crescente gravidade dos crimes, ou seja, houve um aumento significativo nos crimes considerados graves e muito graves, especialmente nos últimos anos (Gráfico 6). Crimes considerados pouco graves, tais como ameaças, roubos e furtos mantiveram uma frequência estável, enquanto que crimes graves tais como tentativa de homicídio, estupro e espancamentos, bem como crimes muito graves, como homicídios e latrocínios, demonstraram um aumento que justifica o resultado das entrevistas aos moradores das comunidades rurais.

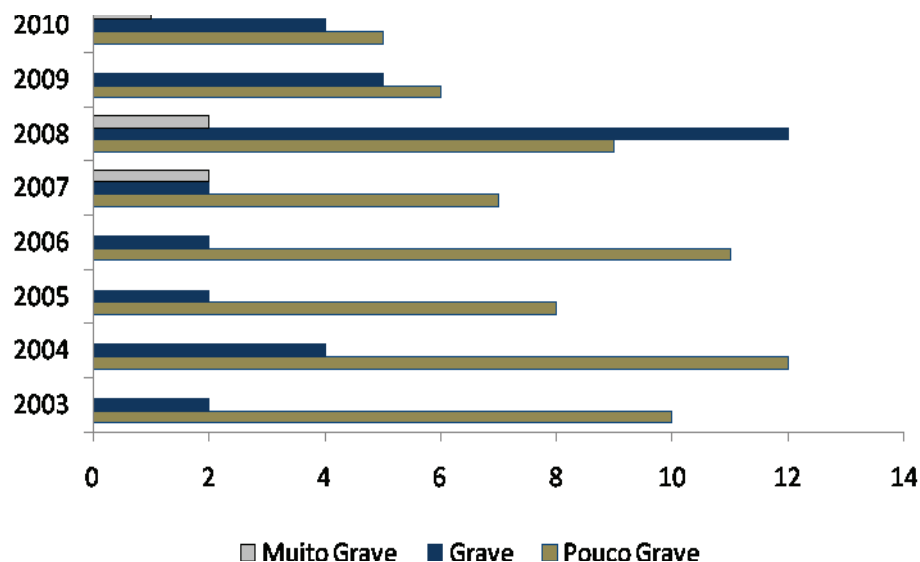


Gráfico 6 - Número de registros policiais dos últimos oito anos classificados de acordo com a natureza do crime na zona rural da cidade de Matinhas/PB.

Fonte: Pesquisa Direta, 2011.

A partir dos dados coletados podemos localizar as áreas mais violentas da zona rural do município de Matinhas. Os sítios Geraldo, Jurema, Cosmo do Rocha e Camará caracterizam-se como os mais violentos uma vez que, apresentaram maior número de ocorrências policiais nos últimos oito anos (Gráfico 7). Isso se deve ao fato destes sítios se localizarem ou próximos ao centro urbano da cidade de Matinhas, ou de uma área de lazer bastante conhecida na região, a “cachoeira do pinga”, ou ainda, como no caso do sítio Geraldo, por estar próximo aos sítios Floriano e Amaragi, considerados os mais violentos da cidade vizinha, Lagoa Seca, bem como da rodovia que conduz até a cidade de Alagoa Nova. É provável, portanto, que o maior número de registros nessas áreas esteja relacionado ao maior fluxo de pessoas e meios de transporte. A proximidade com a área urbana deve ter contribuído para o aumento da violência nessas localidades, de forma que os bandidos perceberam a facilidade para a prática de delitos numa área em que os habitantes estão sempre desprotegidos do aparato policial. As demais áreas são consideradas tranqüilas, embora com pequenas ocorrências de arrombamentos às residências e furtos de frutas, máquinas e bombas d’ água. No entanto, a população tem medo da crescente onda de violência e acredita que essa “tranqüilidade” é apenas uma questão de tempo. De forma geral, o medo vem contribuindo para a sensação de mal-estar na sociedade, seja ela urbana ou rural, assim, a violência vem se apresentando como um forte impulsionador de medo no coletivo.

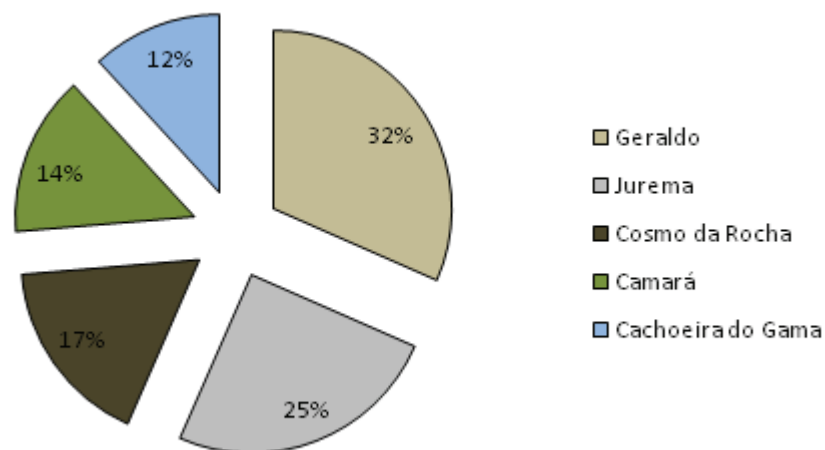


Gráfico 7 - Comunidades rurais que registraram o maior número de ocorrências policiais na cidade de Matinhas/PB.

Fonte: Pesquisa Direta, 2011.

Observando o Gráfico de Indicadores Criminais (Gráfico 8) podemos perceber que os Crimes Contra a Pessoa (CCPe), tais como agressões, lesões corporais, tentativas de

homicídios e homicídios, e os Crimes Contra o Patrimônio (CCPa), tais como, roubos, furtos, danos e arrombamentos, são os mais freqüentes. Os Delitos Envolvendo drogas e armas de fogo ainda não são freqüentes nas comunidades rurais, indicando que essas comunidades ainda podem ser consideradas “pacatas e tranqüilas”.

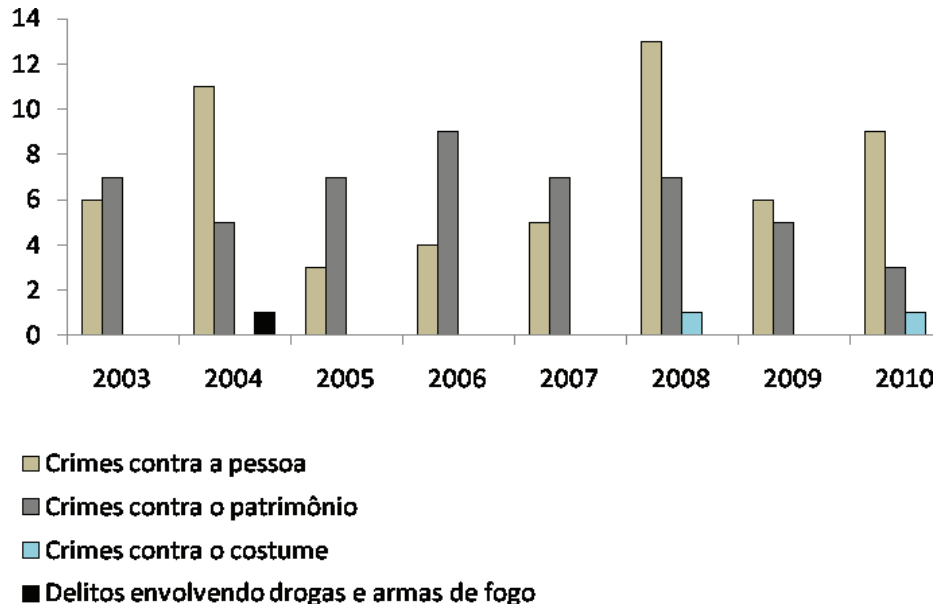


Gráfico 8 - Indicadores criminais registrados nas comunidades rurais na cidade de Matinhas/PB.
Fonte: Pesquisa Direta, 2011.

O sistema de segurança pública da cidade não acompanhou o desenvolvimento do campo, de forma a garantir a segurança das pessoas que ali residem. Assim, 59,5% dos entrevistados são conscientes de que a policia não é imediata em virtude das condições precárias (Figura 7) tais como falta de viaturas ou mesmo de viaturas adequadas (Figura 8), dificuldade de deslocamento através das estradas de terra (Figura 9) e da distância de algumas localidades, além da falta de comunicação com essas regiões e o número insuficiente de policiais para cobrir toda a área.



Figura 7. Delegacia da Polícia Militar do município de Matinhas-PB.
Fonte: Marksralison Araújo, 2011.



Figura 8. Viatura utilizada pelos policiais militares do município de Matinhas-PB.
Fonte: Marksralison Araújo, 2011.



Figura 9. Estradas de acesso a comunidades rurais em Matinhas-PB.
Fonte: Marksralison Araújo, 2011.

Tais fatores levam ao fato de 27,4% dos entrevistados realmente, não confiarem no trabalho da polícia. Essa falha no sistema de segurança da cidade reflete o que acontece em todo o país, onde o baixo investimento na segurança por parte dos governantes deixa a população a mercê dos delinqüentes oportunistas.

Apesar de pequeno, o município de Matinhas tem uma participação bastante considerável na economia do estado da Paraíba em virtude de ser o maior produtor de laranja tangerina do Nordeste e o sétimo do país (LOPES *et al.* 2006, p. 12). Esse crescimento gerou a necessidade de um investimento em novas tecnologias, modificou e aumentou o poder aquisitivo da população rural que passou a usufruir meios de transporte, de eletrodomésticos e eletrônicos mais caros, o que chamou a atenção dos bandidos da região. Assim, os crimes mais comuns são arrombamentos, furtos e roubos a residências e estradas, os quais estão fora do total controle policial da cidade, por ocorrerem em áreas rurais.

3.5. Violência nas áreas urbana e rural: o caso de Lagoa Seca

A análise dos registros das ocorrências policiais demonstrou que o número de ocorrências na cidade de Lagoa Seca aumentou no ano de 2005, se estabilizando até 2009 (Gráfico 9). Segundo 96% dos entrevistados, a criminalidade aumentou nos últimos anos em decorrência da falta de emprego, do aumento do consumo de drogas e armas de fogo, relatando que a este fenômeno já faz parte do cotidiano das pessoas.

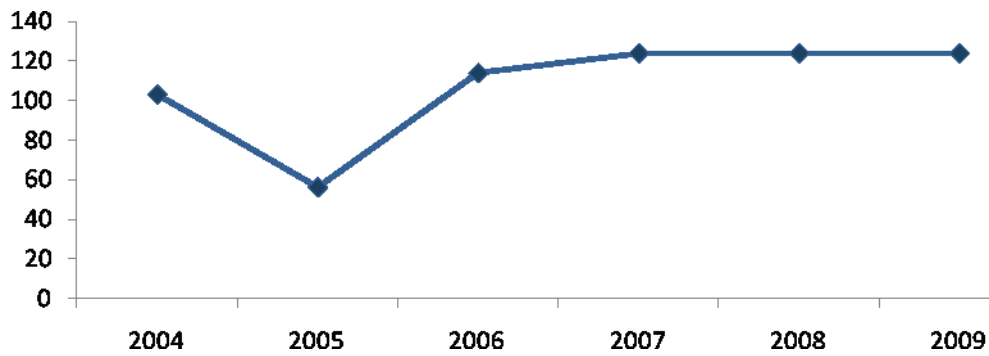


Gráfico 9 - Número de registros policiais entre os anos de 2004 e 2009 da cidade de Lagoa Seca/PB.
Fonte: Pesquisa Direta, 2011.

Os registros policiais também demonstraram que a violência na zona rural foi maior do que na zona urbana a partir do ano de 2007 (Gráfico 10). Isso se deve, provavelmente, pela fronteira territorial, bem como a proximidade de alguns sítios ao centro urbano de Campina Grande. Algumas dessas localidades rurais fazem divisão com favelas como o que acontece nas regiões oeste e leste dos municípios de Lagoa Seca e Campina Grande, respectivamente. Outros aspectos a serem considerados nos registros policiais que indicam o aumento da criminalidade nessas regiões são as casas de show Vale do Jatobá e Vila Forró, que aumentam os números de ocorrências policiais, principalmente no período das festas juninas. Além disso, observa-se ainda um acréscimo populacional a partir de novos condomínios residências de luxo e construções de casas de alto padrão social. Isso gerou uma substituição de áreas rurais próximas as cidades em áreas urbanizadas e, conseqüentemente, os bens de valor tornaram-se mais cobiçados, impulsionando a prática do crime. Essa proximidade com a cidade de Campina Grande também influenciou no número de registro das ocorrências policiais, uma vez que, muitas vezes estas são registradas em Campina Grande e não em Lagoa Seca, não entrando, portanto, nos dados estatísticos do município. O que também ocorre com freqüência é o fato das vítimas desses delitos não registrarem as queixas, isso é confirmado uma vez que, 52% dos entrevistados afirmaram que não prestaram queixa na polícia de alguma violência sofrida.

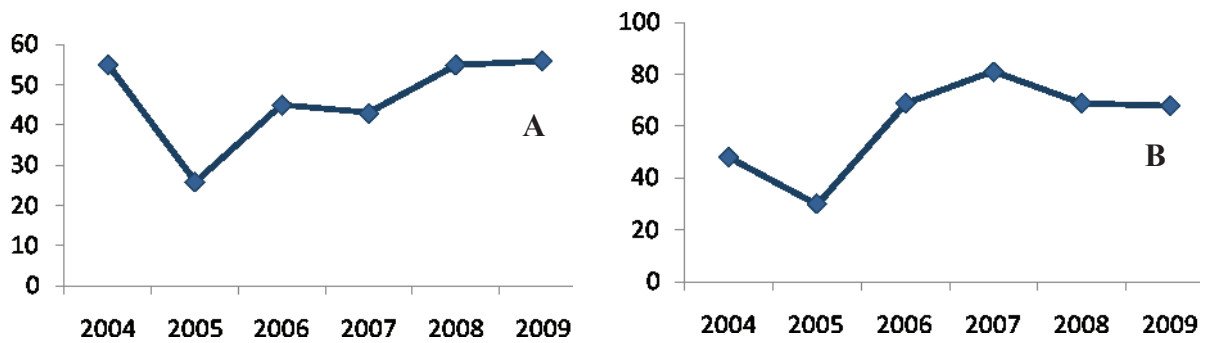


Gráfico 10 - Número de registros policiais entre os anos de 2004 e 2009 na Zona Rural (A) e na Zona Urbana (B) da cidade de Lagoa Seca/PB.

Fonte: Pesquisa Direta, 2011.

Podemos observar uma crescente e significativa gravidade dos crimes no município de Lagoa Seca (Gráfico 11), especialmente nos crimes considerados pouco graves tais como ameaças, roubos e furtos, enquanto que crimes graves tais como tentativa de homicídio, estupro e espancamentos, bem como crimes muito graves, como homicídios e latrocínios, apresentaram um aumento que justifica o resultado das entrevistas aos moradores das comunidades rurais, dos quais 40% não se sentem seguros onde mora e 30% deles já foram vítimas de violência em sua propriedade.

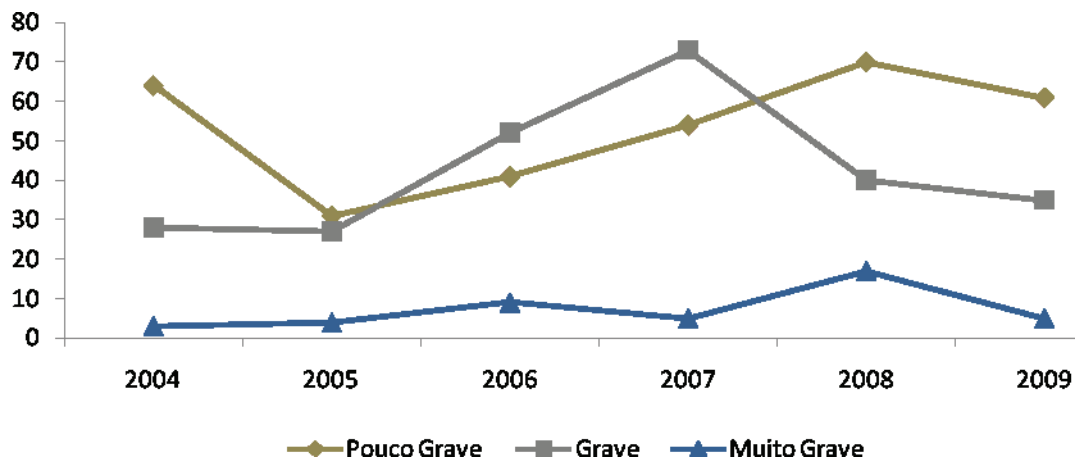


Gráfico 11 - Número de registros policiais entre os anos de 2004 e 2009, classificados de acordo com a natureza do crime na cidade de Lagoa Seca/PB.

Fonte: Pesquisa Direta, 2011.

Essa insegurança no meio rural por parte dos entrevistados é refletida na análise do Gráfico 12, nos quais percebemos que os crimes graves e muito graves foram mais registrados na zona rural, no entanto, não há uma diferença expressiva entre as zonas rural e urbana.

Nesse contexto, se esperaria o contrário, já que as áreas rurais são tidas como tranquilas e pacatas.

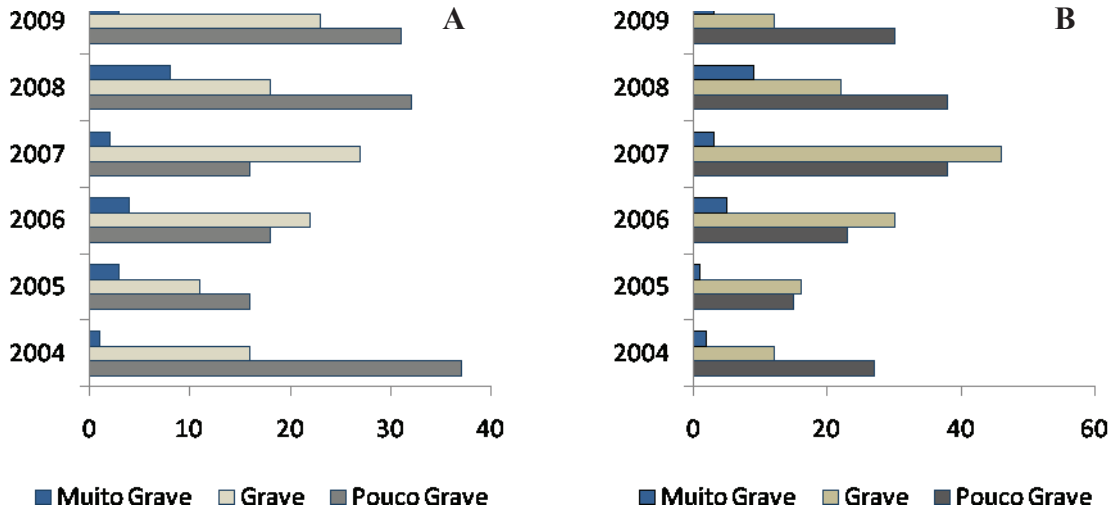


Gráfico 12 - Número de registros policiais entre os anos de 2004 e 2009, classificados de acordo com a natureza do crime na Zona Rural (A) e na Zona Urbana (B) da cidade de Lagoa Seca/PB.

Fonte: Pesquisa Direta, 2011.

A partir dos dados coletados podemos identificar as áreas mais violentas da zona rural do município de Lagoa Seca. Os sítios Floriano, Alvinho, Oiti, Lagoa do Gravatá, Campinote, Retiro e Amaragi, respectivamente, caracterizam-se como os mais violentos, uma vez que, apresentaram maior número de ocorrências policiais no período de seis anos (Gráfico 13). No caso particular do sítio Floriano, a criminalidade vem aumentando devido ao crescimento econômico e aumento da população que ali reside, além disso, também devido ao fato do elevado fluxo de pessoas que transitam na rodovia estadual (BR 097) em direção a cidade de Alagoa Nova e Matinhas. Vizinho ao Sítio Floriano, há o Sítio Amaragi, no qual se localiza a Cachoeira do Pinga, lugar turístico da cidade, e que também faz fronteira com o Sítio Jurema da cidade de Matinhas, já relatado anteriormente como violento. Segundo os policiais entrevistados, as comunidades rurais apontadas como mais violentas foram Campinote, Retiro, Avinho, Lagoa do Gravatá e Floriano, corroborando totalmente com o que foi constatado nos registros policiais. Além disso, 24% dos entrevistados que residem nos sítios Floriano e Oiti, não se sentem seguros em sua localidade.

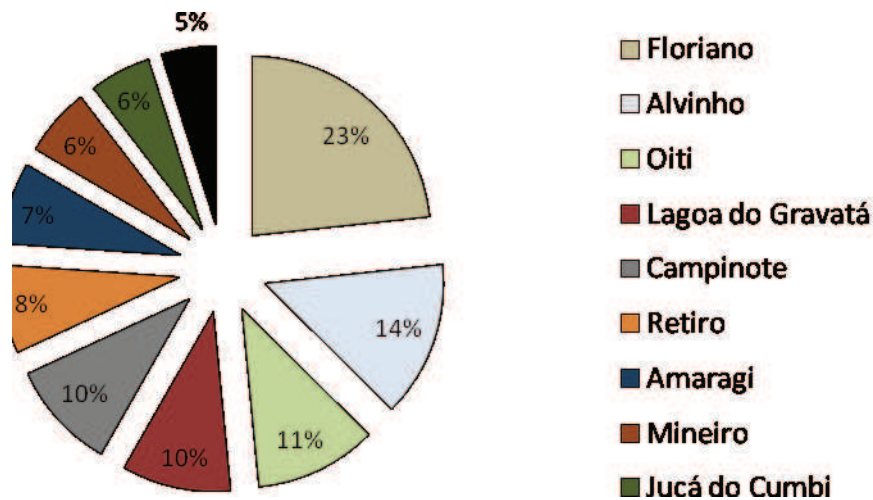


Gráfico 13 - Comunidades rurais que registraram o maior número de ocorrências policiais na cidade de Lagoa Seca/PB.

Fonte: Pesquisa Direta, 2011.

Observando o Gráfico de Indicadores Criminais (Gráfico 14) podemos perceber que os Crimes Contra a Pessoa (CCPe), tais como agressões, lesões corporais, tentativas de homicídios e homicídios, e os Crimes Contra o Patrimônio (CCPa), tais como, roubos, furtos, danos e arrombamentos, são os mais frequentes. No entanto, observa-se também um aumento relativo de delitos envolvendo o uso de entorpecentes e drogas afins e armas de fogo. Isso é um fator preocupante, pois direta ou indiretamente, o uso dos entorpecentes, o tráfico de drogas e armas de fogo contribui para o crescimento no índice de crimes contra a pessoa e contra o patrimônio. Isso é visivelmente demonstrado pelos policiais entrevistados, quando os mesmos relataram que os crimes mais frequentes são roubos, furtos e agressões.

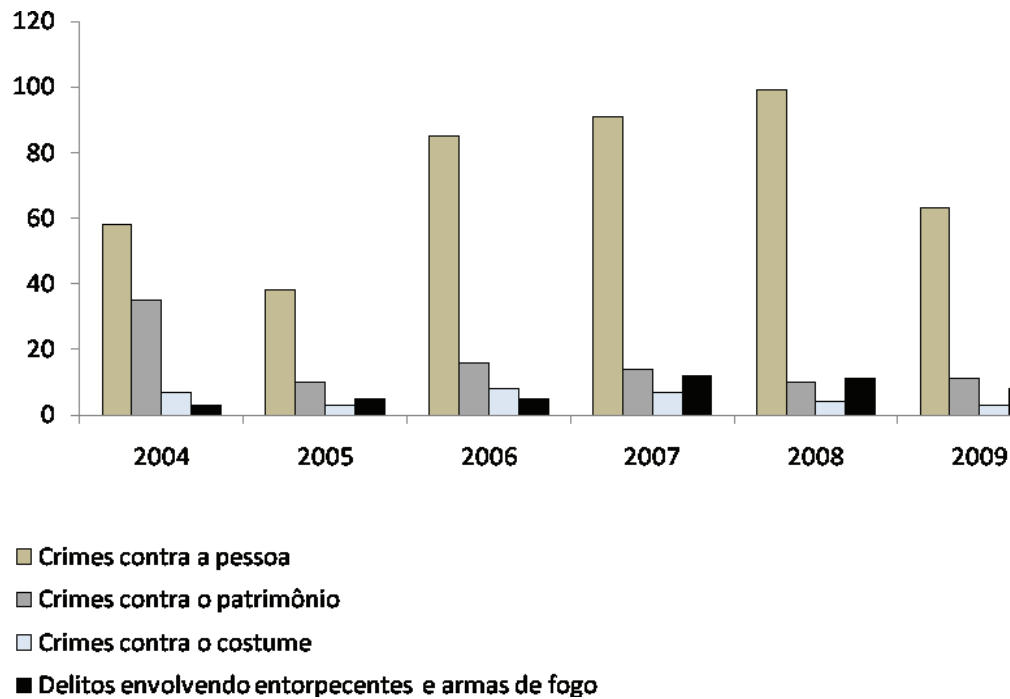


Gráfico 14 - Indicadores criminais registrados na cidade de Lagoa Seca/PB.
Fonte: Pesquisa Direta, 2011.

A partir da análise das ocorrências também se constatou que os crimes envolvendo drogas e armas de fogo tiveram um considerável aumento na zona rural (Gráfico 15), o que justifica o fato de 48% dos entrevistados acreditarem que na cidade estariam mais seguros alegando que na mesma o policiamento é mais presente. Observou-se também que 68% dos entrevistados afirmam que a polícia não se faz presente de imediato quando necessário, mas a maioria tem consciência que o motivo é sempre falta de policiamento, de viaturas, distância e falta de comunicação. Isso também foi diagnosticado pelos policiais da cidade, uma vez que, 100% dos entrevistados concordam que o índice de criminalidade na Zona Rural aumentou nos últimos anos principalmente porque há um déficit na estrutura do policiamento (sem estrutura física, material e humana), pela disseminação das drogas e do desemprego, bem como pelo fato dos bandidos vêem os sítios como alvos fáceis pelo tamanho da área rural para um precário aparato policial.

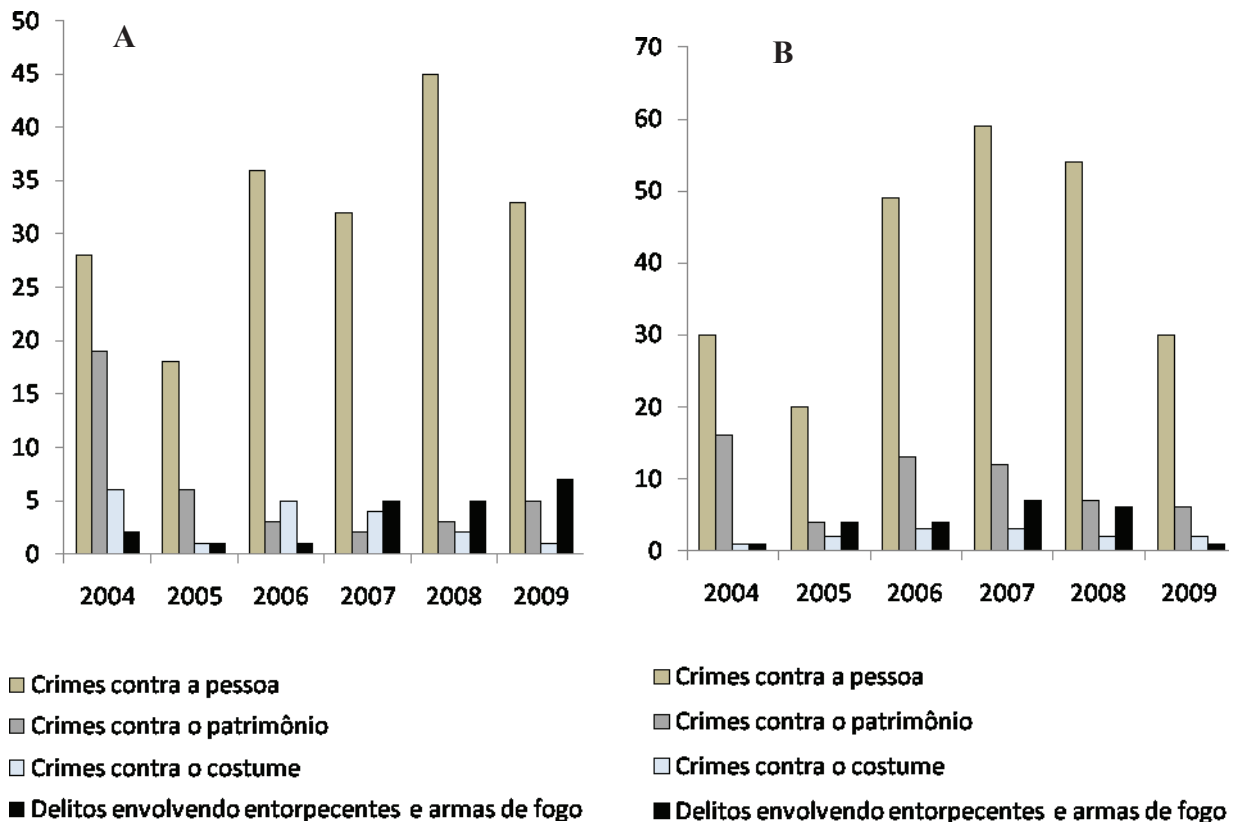


Gráfico 15 - Indicadores criminais registrados na Zona Rural (A) e na Zona Urbana (B) na cidade de Lagoa Seca/PB.

Fonte: Pesquisa Direta, 2011.

O município de Lagoa Seca é considerado, segundo dados jornalísticos e relatos policiais, um dos mais violentos da região do agreste paraibano, onde os índices mostram que a zona rural é mais violenta do que a cidade, sendo isso constatado na presente pesquisa.

Na Figura 10 apresenta a Delegacia da Polícia Militar de Lagoa Seca, na Figura 11 a viatura da Polícia Civil do município, já que a viatura da Polícia Militar não foi encontrada. Na Figura 12 o acesso a comunidades rurais, demonstrando a dificuldade ao acesso dessas localidades.



Figura 10. Delegacia da Polícia Militar do município de Lagoa Seca.
Fonte: Marksralison Araújo, 2011.



Figura 11. Viatura da Polícia Civil do município de Lagoa Seca.
Fonte: Marksralison Araújo, 2011.



Figura 12. Estrada de acesso a comunidade rural de Lagoa Seca.
Fonte: Marksralison Araújo, 2011.

Decorrente disso, alguns dos moradores entrevistados que anteriormente residiam nas áreas rurais do município de Lagoa Seca e que possuíam uma propriedade rural de maior valor comercial, afirmam ter se mudado para a cidade devido à insegurança no campo. Os entrevistados relatam ainda que apesar da violência ocorrer com a mesma frequência na área urbana, os mesmos se sentem mais seguros com policiamento mais presente, bem como, com a ligação entre os vizinhos como forma de proteger-se do perigo. Outros, entretanto, preferem continuar nas áreas rurais por que é de onde tiram seu sustento e precisam estar próximos de sua atividade, além de acreditarem não haver um lugar onde estejam livres da violência. De maneira geral, praticamente todos os entrevistados acreditam e dão grande importância ao estabelecimento dos laços entre os vizinhos como forma de proteção e segurança, tanto para os moradores que continuam no campo, como para aqueles que saíram dessas áreas e se deslocaram para a cidade. Essas relações comunitárias não podem sozinhas reverter a situação, mas a partir delas pode haver uma mobilização e, desta forma, existir e (re)criar espaços de cidadania e interação indivíduo/sociedade/meio.

3.6. Papel do Estado no combate à violência e sua atuação em Matinhas e Lagoa Seca

A violência necessita ser combatida urgentemente pela polícia, bem como pelo Estado, onde este deve investir mais na segurança e no desenvolvimento de políticas públicas legítimas. A implementação de uma legislação mais repressiva sozinha não consegue diminuir

a violência, nem tampouco reduzir o medo e a insegurança da população, o poder público tem o dever de implementar projetos que visem a melhoria da qualidade de vida da população no que tange a segurança pública.

Em um contexto no qual o Estado é inoperante para impor políticas de segurança que aplaquem o medo, cresce o mercado de segurança privada. Este mercado se alimenta da psicofera do medo da violência urbana, materializando-a no meio geográfico através da tecnosfera de segurança. A montagem da tecnosfera de segurança privada impulsiona a expansão do capital do medo.

A polícia enquanto instituição foi criada com intuito de preservar e zelar pela segurança, antes do Estado, agindo autoritariamente contra a população sendo posteriormente vinculada a segurança pública garantindo a liberdade humana após adaptações e modificações de acordo com as transições governamentais. A falta de empenho governamental e de políticas públicas voltadas para essa instituição tem ocasionado sua fragilidade trazendo como uma de suas conseqüências a anexação do policial, antes símbolo de segurança, a criminalidade, e tornando-se, portanto, símbolo de insegurança. (ARAÚJO *et all* , 2008, p. 235-236)

A Polícia é o principal agente de controle da violência, prevenindo a população contra as condutas criminosas e zelando pela ordem pública, no entanto, o crescimento urbano desordenado somado à acentuação da violência no campo, tem ocasionado um aumento acelerado da violência decorrente da carência de infraestrutura no suprimento das necessidades básicas dessa população como alimentação, saúde, emprego e segurança. Esse excedente populacional, de certa, forma, acaba dificultando a ação de policiais no controle da violência. (ARAÚJO *et all* , 2008, p. 236)

Além disso, outros fatores interferem na operacionalização e na eficácia do serviço da polícia, tais como: tamanho da área de cobertura, infra-estrutura (como número de viaturas), número de policiais existentes que difere do número de policiais disponíveis. Outro fato que agrava a sensação de medo da população é a falta de confiança no sistema público de segurança, já que a corrupção atinge todos os setores. Essa falta de confiança não é apenas para com a Polícia Militar, ela se estende a todo o aparelho público de segurança. No Brasil a população já vive desesperançada por conseqüência da corrupção que se alastra pela sociedade, difícil é depositar a confiança em um sistema de segurança pública enquanto todos os dias são divulgadas informações sobre casos de corrupção principalmente nos poderes públicos, responsáveis além de tudo, por decretar leis que beneficiem a sociedade e punam os culpados, bem diferente do que ocorre na realidade do país.

O Brasil sempre foi considerado um país violento e sua urbanização desorganizada foi também foi um dos fatores que contribuiu para a construção dessa imagem, principalmente nas últimas décadas. De acordo com o PRONASCI (Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania) (2011) há uma despesa de bilhões de dólares com a violência em todo o planeta, que compromete boa parte do PIB (Produto Interno Bruto) dos países. Na América Latina os gastos com a violência comprometem 14,2% do PIB, equivalente a 168 bilhões de dólares, o Brasil é o país dessa região que mais gasta comprometendo 10,5% do seu PIB. Pesquisa recente sobre os números da violência contra a mulher (PRONASCI, 2011) revela que em 10 anos (1997 a 2007) foram 41.532 pessoas que morreram vítimas de homicídios no Brasil, o que significa dizer que corresponde a 4,2 assassinadas por 100.000 habitantes, salientando-se que as mulheres morrem em menor proporção que os homens. Tais números demonstram o quanto é preocupante essa situação e apontam para a necessidade urgente de um projeto eficaz de segurança para a população.

Grande parte da ação dos bandidos se dá devido ao uso de drogas, principalmente o uso de crack, droga cinco a sete vezes mais potente do que a cocaína, possui um poder avassalador para desestruturar a personalidade, agindo em prazo muito curto e criando enorme dependência psicológica, além de levar o usuário a morte em pouco tempo (ANTIDROGAS, 2011). O uso dos entorpecentes leva o indivíduo a perder ou até mesmo, quando se trata de crianças viciadas, de não ter a noção, nem medo de punição, o que querem é satisfazer seu vício independentemente do que o outro possa sofrer. Esse grave problema atinge as famílias, a sociedade civil e todo o sistema de segurança uma vez que é não há como prender os usuários e deixá-los sem tratamento, assim como não se pode deixá-los no convívio social impotentes para afastar-se das drogas sozinhos e livre para cometer delitos.

Além do desafio de combater o crime, o Estado também tem o dever de criar meios para desviar crianças e jovens do uso de drogas e, conseqüentemente, da prática do crime, bem como apoiar e dar suporte aqueles que desejam sair do vício e as suas famílias.

Nos municípios de Matinhas e Lagoa Seca, há um grande número de jovens usuários de drogas e sendo o município de Lagoa Seca um grande distribuidor dessa mazela social, inclusive para o município vizinho de Campina Grande. Nesses municípios constatou-se que os jovens não têm opção de lazer, nem tem projetos direcionados aos mesmos para inseri-los no mercado de trabalho, como aponta Araújo (2010, p. 20) no que diz respeito à realidade do município de Lagoa Seca:

A população do município é jovem [...] e não são oferecidas as mesmas ocupações suficientes, o que resulta em vários problemas, como os grandes índices de usuários e tráfico de drogas, prostituição infantil e violência que assolam o local. Antes mais fortemente na zona urbana, a violência tem se alastrado por todo o município e hoje nas comunidades rurais estão se destacando os casos de violência por falta de policiamento, distância, dentre outros fatores, facilitam a ação dos criminosos.

Lagoa Seca também apresenta-se como percurso fácil para os criminosos devido a sua proximidade com Campina Grande, uma vez que a mesma têm se expandido por conseqüência da especulação imobiliária.

O setor empresarial, especialmente o setor imobiliário, vem atuando mais fortemente no espaço entre Campina Grande e Lagoa Seca, às margens da BR 104, através dos loteamentos e condomínios fechados. As imobiliárias têm se instalado no limite entre esses municípios por conseqüência da proximidade com Campina Grande, o que encarece os terrenos e o torna-os habitados por pessoas da classe média de diversas cidades, também leva-se em conta o fator da segurança encontrada nos condomínios fechados diante dos altos números de violência dos dois municípios, além da preferência pelo isolamento dos moradores desses condomínios.

E complementa Santos,

O município apresenta áreas de crescimento e expansão da zona urbana ao sul (em direção à Campina Grande), à oeste (em direção a Vila Florestal) e a sudoeste (em direção ao conjunto Juracy Palhano). Um aspecto interessante é a tipologia dos lotes e edificações, a classe social e a forma de ocupação destas áreas. Quanto aos lotes, apresentam áreas e dimensões variáveis, distribuídas em áreas homogêneas. As diferenças se observam nas habitações de padrão alto ao sul, padrão médio à sudoeste e padrão baixo à oeste. A segregação sócio-espacial é bem marcante na zona urbana, principalmente porque nas duas primeiras áreas a topografia acidentada, o clima ameno, a beleza cênica e paisagística, encarecem o preço da terra favorecendo o assentamento de uma população de alta renda. A população de Lagoa Seca dificilmente tem acesso a estas terras, que em sua maioria são adquiridas pela classe alta de Campina Grande. Muitas granjas também estão instaladas ao sul e sudoeste, utilizadas com a finalidade de lazer e recreio, no entanto em terras bastante férteis e agricultáveis. (SANTOS, 2007, p. 163)

No município de Matinhas verifica-se um grande número da população do campo circulando na zona urbana, muitos deles agricultores que já recebem sua aposentadoria, o que significa um alvo fácil para os criminosos. Também não possui nenhuma atratividade dedicada aos jovens, já que é uma fase em que estão em formação profissional.

A partir desse diagnóstico, percebeu-se onde foram realizadas as entrevistas que o Estado não tem desempenhado seu papel como deveria, como acontece na maior parte do país, deixando à mercê a população trabalhadora do campo, que além de enfrentar uma vida de dificuldades na agricultura familiar tenta burlar a ação dos marginais.

O estado de conservação dos equipamentos utilizados para a segurança pública demonstra a situação miserável de abandono e esquecimento da população, bem como a quantidade dos mesmos que não são suficientes para abarcar todo o município em ambos os casos.

Assim, percebe-se que o Estado apresenta-se ineficiente quanto ao estabelecimento de uma segurança pública adequada para a população, sendo negado, portanto, um direito a todo cidadão, o direito a livre circulação pelos espaços, a liberdade retirada pela insegurança e medo. O que significa dizer que o Estado não apresenta um projeto que assegure a segurança da população do campo, tão pouco apresenta algum meio de prevenir para o surgimento de focos da violência.

De maneira geral, verifica-se que o modelo de segurança pública brasileiro está ultrapassado e é ineficiente, custa muito caro e gera a sensação de impunidade na população.

As seguintes sugestões poderiam reduzir a taxa de violência, tais como:

- Modificar a legislação brasileira combatendo a corrupção dos políticos, leis mais severas com aumento de penas sem direito a fiança e nenhum benefício ou mesmo multas de acordo com grau do delito e da renda do acusado.
- Outro procedimento seria a unificação das policias militar, civil e federal. Um trabalho mais conjunto entre essas entidades possibilitaria uma maior agilidade e seguridade no desvendamento de crimes.
- Os processos judiciais são lentos e muitas vezes não leva a justiça em decorrência da legislação vigente ser fraca e precária. Quando o acusado é preso pela policia militar este é encaminhado para policia civil e esta investiga e inicia o processo. Essa burocratização do sistema de segurança brasileiro é lento e ineficiente, uma vez que os policias precisam esperar por delegados e agentes civis para tal serviço. Nesse sentido, a unificação das entidades policiais seria a melhor opção, no entanto, as autoridades de ambas as entidades não concordam para não dividir responsabilidades e poderes.
- O investimento em tecnologia tais como localizadores para os presos que ganham algum benefício (albergados) que cometem crimes quando estão soltos, por isso a pulseira com localizador seria uma solução para combater essa prática criminosa. Equipamentos mais modernos, viaturas com computadores e com acesso ao INFOSEG (rede que reúne informações de segurança pública dos órgãos de fiscalização do Brasil) com o cadastro nacional de veículos e de pessoas, com rapidez e segurança. Ruas com câmeras 24 horas

para monitoramento. Outra solução para roubos e furtos de veículos seriam localizadores via satélite dentro dos motores dos veículos automotores.

Soluções existem, entretanto cabe aos gestores públicos tomarem as iniciativas cabíveis a cada localidade como práticas de extrema necessidade para a manutenção e bem estar da sociedade, enquanto para os cidadãos cabe exigir que os serviços públicos cumpram com seu papel e denunciar ao Ministério Público os casos de negligencia e fraudes no sistema.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mesmo que a violência tenha se expandido de tal forma que seja difícil a aplicação de políticas e projetos que visem melhoria da qualidade de vida da população, no que diz respeito à segurança, toda a população tem um papel fundamental para a melhoria dessa situação, uma vez que a solução da problemática envolveria os demais poderes e investimentos públicos, fato que, com a corrupção existente e a falta de compromisso com a população, é muito difícil de tornar real, principalmente quando se trata de pequenos municípios, entretanto, também faz parte do exercício da cidadania, reivindicar por melhorias nas condições de vida da população, para o bem estar comum, relacionando-se, conseqüentemente, a mobilização coletiva e não individualizada da sociedade.

Tanto no campo como na cidade a união da população pode sim fazer a diferença. E não seria de maneira alguma um pecado pregar a união entre as pessoas, principalmente quando essa união traria não só a “paz social” como também a melhoria da qualidade de vida da população.

Não se pretende afirmar com o presente estudo que a violência vai se extinguir ou se tornar quase invisível na sociedade, pois a violência sempre existiu e sempre existirá, independentemente da forma que se apresente, seja ela contra a mulher, contra uma classe social, contra homossexuais, contra crenças, contra raças e etnias, e seja ela física ou moral, a própria sociedade já foi solidificada através da violência. Pretende-se levantar então, a premissa de que a violência deve ser punida no cumprimento da Constituição, pois se a sociedade não dá o exemplo de que o mal feito é passível de punição os indivíduos passam a praticar mais e mais atos que denigrem os próprios cidadãos e o poder do Estado.

Entretanto, é fundamental que haja uma reforma no sistema penitenciário, uma vez que as condições existentes nos presídios brasileiros não permite que o indivíduo não volte a cometer crimes depois de solto ou enquanto estiver na condicional. Celas lotadas, imundície em quase todos os espaços, são a realidade de várias penitenciárias no país e que, por mais que muitos digam ser merecidos devido as barbaridades praticadas, mas as condições desumanas nas quais se encontram muitos desses indivíduos não propiciam para um futuro retorno a sociedade, podendo ser definido também como uma violência aos direitos do cidadão. A demora e lentidão nos julgamentos dos processos são a principal causa da superlotação das cadeias, dessa forma, uma reforma também deveria atingir o sistema judiciário.

Apontar diretamente a causa do problema é praticamente impossível, uma vez que há várias as causas e muitos os efeitos, entretanto se uma reforma não ocorrer a situação só tende a se agravar. A população se tornará refém dentro de suas próprias residências e a insegurança e o medo ditarão as regras da vida.

A união da população civil e o poder do Estado na construção de uma educação humana e cidadã que valorize e respeite os espaços do outro é a necessidade maior das áreas afetadas pela violência, independentemente de ser urbano ou rural. O bem estar das gerações presentes e das futuras gerações depende da reconfiguração dos valores da sociedade atual, os quais se alteraram no processo de expansão capitalista o que tornou o indivíduo um ser sem interesse no seu próximo ou no bem coletivo, um ser egoísta e interessado apenas na geração e acúmulo de lucro.

O presente estudo abarcou as comunidades rurais de Matinhas e Lagoa Seca, bem como a zona urbana de Lagoa Seca, com o objetivo de analisar os casos de violência influenciados pelo fenômeno da globalização ocorridas nas áreas anteriormente citadas entre os anos de 2003 e 2010. Pode-se considerar que a pesquisa conseguiu atingir seu objetivo final, entretanto com algumas limitações devido ao tema ser bastante extenso e abranger vários outros temas que não puderam ser discutidos, tais como a questão do uso de entorpecentes, uma vez que o processo de globalização favorece ao acesso as drogas pela população e propicia ao aumento da violência.

O estudo foi importante para o aprimoramento e discussão da temática no meio acadêmico, uma vez que a temática da violência no campo sem relação com movimentos sociais não é muito abrangente. Enquanto policial militar, o estudo foi importante para avaliar as deficiências e as áreas do município em que a violência é mais intensa, bem como conhecer o próprio ambiente e me reconhecer como cidadão e parte integrante do sistema de segurança pública no Estado da Paraíba.

REFERÊNCIAS

- ABRAMOVAY, Miriam (Coord.). **Cotidiano das escolas**: entre violências. Ministério da Educação. UNESCO, 2005.
- ANTIDROGAS. Drogas, Alcoolismo e Tratamento, não jogue a vida fora. 2011. Disponível em: <http://www.antidrogas.com.br/crack.php>. Acesso em: 16 de set. de 2011.
- ARAÚJO, Elaine Lima. *et all.* Ineficiência da segurança pública: aumento da violência policial e da segurança privada. In: SÁ, Alcindo José (Org.). **Pelo direito a vida**: a construção de uma Geografia cidadã. Recife: Editora Universitária – UFPE, 2008, p. 235-244.
- ARAÚJO, Taciana Porto. Relação cidade-campo no município de Lagoa Seca-PB: uma análise socioespacial da comunidade Oiti. Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura Plena em Geografia. Campina Grande: UEPB, 2010, 60 p.
- BAUMAN, Zygmunt. **Confiança e medo na cidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2009.
- CARVALHO, Luiz de. Roubo, violência, medo: a nova realidade do campo. **Diário do Norte do Paraná**. 18 de maio de 2008. Disponível em: <http://odiariomaringa.com.br/noticia/191833>. Acesso em: 03 set. 2009.
- ENDLICH, Ângela Maria. Perspectiva sobre o urbano e o rural. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. WHITACKER, Arthur Magon (Orgs.). **Cidade e campo**: relações e contradições entre o urbano e o rural. São Paulo: Expressão Popular, 2006, p. 11-32.
- FERREIRA, Rubio José. MACIEL, Caio Augusto Amorim. Espaço rural e espaço urbano: elementos para discutir os significados de sua diferenciação. **Revista de Geografia**. Recife: UFPE – DCG/NAPA, v. 24, nº 3, set/ dez. 2007, p. 36 – 46.
- FERREIRA, Darlene Aparecida de O. ROMANATTO, Maria José. SOUZA, Anderson Rafael B. de. In: MARAFON, Gláucio José. PESSÔA, Vera Lúcia Salazar. (Orgs.) **Agricultura, desenvolvimento e transformações socioespaciais**: reflexões interinstitucionais e constituição de grupos de pesquisa no rural e no urbano. Uberlândia: Assis Editora, 2008.
- FUNDAÇÃO NACIONAL DA SAÚDE/ MINISTÉRIO DA SAÚDE. 1996.
- IBGE CIDADES. Disponível em: <http://www.ibge.com.br/cidadesat/topwindow.htm?1>. Acesso em 01 set. 2011.
- LOPES, E. B. ALBUQUERQUE, I.C. MOURA, F.T. **Diagnóstico da Citricultura de Matinhas/PB**. Governo do estado da Paraíba. Emepa – PB, João Pessoa, 2006.
- _____. Perfil da citricultura de Matinhas, PB, visando ao mercado nacional. v.1., n.1, Tecnol. & Ciên. Agropec. Empresa Estadual de Pesquisa Agropecuária da Paraíba -Emepa: João Pessoa, set. 2007. Disponível em:

http://www.emepa.org.br/revista/volumes/tca_v1_n1/tca01_tanjerina.pdf. Acesso em: 03 de out. de 2011.

MARTUCCELLI, Danilo. Reflexões sobre a violência na condição moderna. **Tempo Social: Rev. Sociol.** USP São Paulo: Maio de 1999, p. 157-175.

MEDEIROS, Monalisa Cristina Silva. SILVA, Janaína Lima. A insegurança e o medo gerados pela violência urbana no mercado público das Malvinas em Campina Grande. In: SÁ, Alcindo José (Org.). **Pelo direito a vida: a construção de uma Geografia cidadã**. Recife: Editora Universitária - UFPE, 2008, p. 267-278.

Paraíba. **Mapa de oportunidades do Estado da Paraíba: áreas potenciais de investimento**. Campina Grande – PB: FIEP, 2009.

PEDRAZZINI, Yves. **A violência das cidades**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2006.

PRONASCI – Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania. SENASP/EAD. Curso de Educação à Distância de Atendimento às Mulheres em Situação de Violência. Ministério da Justiça. 2011. Disponível em: http://ead.senasp.gov.br/modulos/_compartilhado/scorm/edu_curso_inicio.asp?sii=611&usu=427720. Acesso em: 16 de set. de 2011.

QUEIROZ, Ivan da Silva. A cidade sitiada: da violência consentida ao medo com sentido. In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib. OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. (Orgs.) **Geografia em Perspectiva: ensino e pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 97-106.

RODRIGUES, Arlete Moysés. Geografia e violência urbana. In: PONTUSCHKA, Nídia Nacib. OLIVEIRA, Ariovaldo Umbelino de. (Orgs.) **Geografia em Perspectiva: ensino e pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004, p. 77-86.

RODRIGUES, Janete Lins. **Atlas escolar da Paraíba**. 3º ed. João Pessoa: Grafset, 2002.

SANTOS, Elisângela Jerônimo dos. **Tarimba: aspectos históricos e culturais de Lagoa Seca (1929 – 1969)**. Bauru, SP: Canal6, 2007.

SANTOS, Milton. **Técnica espaço tempo: globalização e meio técnico-científico-informacional**. São Paulo: Hucitec, 1998.

_____. **Por uma outra globalização**. São Paulo: Editora Record, 2000.

_____. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SOROKIN, Pitirim A. ZIMMERMAN, Carlo C. GALPIN, Charles J. Diferenças fundamentais entre o mundo rural e o urbano. In: MARTINS, José de Souza (Org.). **Introdução crítica à sociologia rural**. São Paulo: HUCITEC, 1981, p. 198 – 224.

SOUZA, Carlos Alberto Duarte de. O medo e a violência como fatores de influência na circulação e nas formas espaciais nas favelas do Detran e Airton Senna no Bairro da Iputinga

– Recife (PE). In: SÁ, Alcindo José (Org.). **Pelo direito a vida**: a construção de uma Geografia cidadã. Recife: Editora Universitária - UFPE, 2008, p. 193-213.

_____. O espaço da cidade como produtor da violência e insegurança: o medo da liberdade nas favelas do Detran e Ayrton Senna no bairro da Iputinga – Recife (PE). Anais XVI Encontro Nacional dos Geógrafos: Crise, práxis e autonomia: espaços de resistência e de esperanças – Espaço de diálogos e práticas. ENG 2010: 25 a 30 de julho de 2010. Disponível em: www.agb.org.br/evento/download.php?idTrabalho=1652. Acesso em: 03 de out. de 2011.

SOUZA, Marcelo Lopes de. **ABC do desenvolvimento urbano**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

_____. O território: sobre espaço e poder, autonomia e desenvolvimento. In: CASTRO, Iná Elias de. GOMES, Paulo Cesar da Costa. CORRÊA, Roberto Lobato. (Orgs). **Geografia: conceitos e temas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1995, p. 77-116.

SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. A questão cidade-campo: perspectivas a partir da cidade. In: SPOSITO, Maria Encarnação Beltrão. WHITACKER, Arthur Magon (Orgs.). **Cidade e campo**: relações e contradições entre o urbano e o rural. São Paulo: Expressão Popular, 2006, p. 111-130.

VASCONCELOS, Santiago Andrade. FARIAS, Paulo Sérgio Cunha. SÁ, Alcindo José de. A produção de psicofera/tecnosfera pelo capital do medo da violência: algumas considerações sobre o crescimento do mercado de segurança privada. In: SÁ, Alcindo José (Org.). **Pelo direito a vida**: a construção de uma Geografia cidadã. Universidade Federal de Pernambuco. Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação. Editora Universitária: UFPE, Recife, novembro de 2008, p. 153-180.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade**: na história e na literatura. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

ANEXOS

ANEXO 1. Questionário utilizado nas entrevistas com os moradores das comunidades rurais do município de Matinhas e Lagoa Seca, Paraíba.

Entrevista

Localidade: _____

Data: _____

Sexo: () M () F

Idade: _____ .

Profissão: _____ .

01 - Há quanto tempo mora na área? _____ .

02 – Sente-se seguro (a) morando na área?

() Sim () Não

Por quê?

03 - Acredita que a criminalidade aumentou nos últimos anos?

() Sim () Não

Por quê?

04 - Já foi vítima de violência em sua propriedade?

() Sim () Não

-Se “SIM”, especifique como, quando e quantas vezes?

-Tem alguma opinião sobre o que motivou esse ato de violência?

05- Conhece pessoas de sua região que foram vítimas da criminalidade?

() Sim () Não

06- Já pensou em mudar-se para a cidade devido à falta de segurança?

() Sim () Não

07 - Acha que na cidade você poderia estar mais seguro (a)?

() Sim () Não

Por quê?

08 – Você confia no trabalho da polícia?

() Sim () Não

Por quê?

09- Quando há alguma necessidade da presença da polícia, a mesma se faz presente de imediato?

() Sim () Não

-Se “NÃO”, saberia dizer o provável motivo da demora no atendimento?

10- Qual a sua sugestão para a melhoria da segurança pública em sua localidade?

ANEXO 2. Questionário utilizado nas entrevistas com os agentes de segurança pública dos municípios de Matinhas e Lagoa Seca, Paraíba.

Data: _____

Sexo: () M () F

Idade: _____ .

Profissão: _____ . **Tempo de serviço:** _____ .

01 - Há quanto tempo trabalha na cidade? _____ .

02 – O número de ocorrências na Zona Rural tem aumentado?

() Sim () Não

-Se “**SIM**”, em sua opinião, quais seriam as causas do aumento da criminalidade na Zona Rural no município de Lagoa Seca?

03 – Qual é o tipo de ocorrência (violência) mais freqüente na Zona Rural do município?

04 – Quais as dificuldades enfrentadas por vocês para realizar o seu trabalho?

05- Em sua opinião, quais as comunidades rurais com maiores índices de violência?

06- Qual a sua sugestão para a melhoria da segurança pública no município?
